

A AUTORIA INTELECTUAL



As investigações sobre os atentados de 8 de janeiro, quando bolsonaristas tentaram um golpe de Estado, vai se aproximando do ex-presidente e de seus auxiliares mais próximos. Ele não escapará da Justiça

Olimpio

focus
BRASIL

Fundação Perseu Abramo 1º de Maio de 2023 Nº 93

STF aponta envolvimento de 300 nos ataques à democracia

A CPI do Golpe vai colocar os bolsonaristas na mira

Joe Biden anuncia que vai disputar a reeleição em 2024

Xi Jinping promove a tentativa de paz entre Moscou e Kiev

Enfim, Chico Buarque recebe o Camões em Portugal

ORGANIZAÇÃO

Nelson Victor Le Cocq D'Oliveira

Inês Patrício

Antonio Carlos F. Galvão

Adhemar Mineiro

Mariano Macedo

Helena Maria Martins Lastres

Cid Olival Feitosa

CARLOS LESSA

O PASSADO E O FUTURO DO BRASIL



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

expressão
POPULAR

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DE ECONOMISTAS PELA
DEMOCRACIA



Está no ar a exposição virtual
**SÉRGIO BUARQUE DE
 HOLANDA: 120 ANOS**

Acesse em fpabramo.org.br/CSBH

FUNDAÇÃO
 Perseu Abramo
 Partido dos Trabalhadores

**CONTRIBUA COM A REVISTA
 REVISTA RECONEXÃO PERIFERIAS**

Convidamos ativistas, coletivos e movimentos para contribuírem com a Revista Reconexão Periferias de fevereiro. O tema do mês será sobre as ruas, como espaços de disputa, defesa da democracia e também alegria, nas festas populares do carnaval. **Textos, artigos, fotos, ilustrações, poemas e toda forma de expressão que possa estar consolidada na Revista são bem vindos!**

Envie um e-mail para estudosperiferias@gmail.com para maiores informações.

SERÁ MUITO LEGAL TER A PARTICIPAÇÃO DE VOCÊS!

FUNDAÇÃO Perseu Abramo Partido dos Trabalhadores

REVISTA RECONEXÃO PERIFERIAS

EXPOSIÇÃO

43 anos
 NA LUTA PELA
**DEMOCRACIA
 BRASILEIRA**

focus BRASIL

Uma publicação da Fundação Perseu Abramo

Diretor de Comunicação: Alberto Cantalice

Coordenador de Comunicação: David Silva Jr.

Produção: Oficina da Notícia

Colaboradores: Artur Araújo, Bia Abramo,

Fernanda Estima, Guto Alves,

Isaías Dalle, Nathalie Nascimento,

Olímpio Cruz Neto e Pedro Camarão



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
 Partido dos Trabalhadores

DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente: Paulo Okamoto

Vice-presidenta: Vivian Farias

Diretoras: Elen Coutinho e Naiara Raiol

Diretores: Alberto Cantalice, Artur Henrique da Silva

Santos, Carlos Henrique Árabe, Jorge Bittar,

Valter Pomar e Virgílio Guimarães

CONSELHO CURADOR

Conselheiros: Ana Maria de Carvalho Ademar,

Arthur Chioro, Arlete Sampaio, Azilton Viana, Camila Vieira

dos Santos, Celso Amorim, Dilson Peixoto, Eleonora

Menicucci, Eliane Aquino, Elisa Guaraná de Castro, Esther

Bemerguy de Albuquerque, Everaldo de Oliveira Andrade,

Fernando Pimentel, Fernando Ferro, Francisco José

Pinheiro, Iole Ilíada, José Roberto Paludo, Lais Abramo,

Luiza Borges Dulci, Maria Isolda Dantas de Moura,

Nabil Bonduki, Nilma Lino Gomes,

Paulo Gabriel Soledade Nacif, Penildon Silva Filho,

Sandra Maria Sales Fagundes, Sérgio Nobre,

Teresa Helena Gabrielli Barreto e Vladimir de Paula Brito

SETORIAIS

Coordenadores: Elisângela Araújo (Agrário),

Henrique Donin de Freitas Santos (Ciência e Tecnologia

e Tecnologia da Informação), Martvs Antonio Alves

das Chagas (Combate ao Racismo), Juscelino França

Lopo (Comunitário), Márcio Tavares dos Santos Chapas

(Cultura), Adriano Diogo (Direitos Humanos), Tatiane

Valente (Economia Solidária), Maria Teresa Leitão de Melo

(Educação), Alex Sandro Gomes (Esporte e Lazer), Janaína

Barbosa de Oliveira (LGBT), Anne Moura (Mulheres),

Nádia Garcia (Juventude) Nilto Ignacio Tatto (Meio

Ambiente e Desenvolvimento), Rubens Linhares

Mendonça Lopes Chapas (Pessoas com Deficiência),

Eliane Aparecida da Cruz (Saúde) e

Paulo Aparecido Silva Cayres (Sindical)

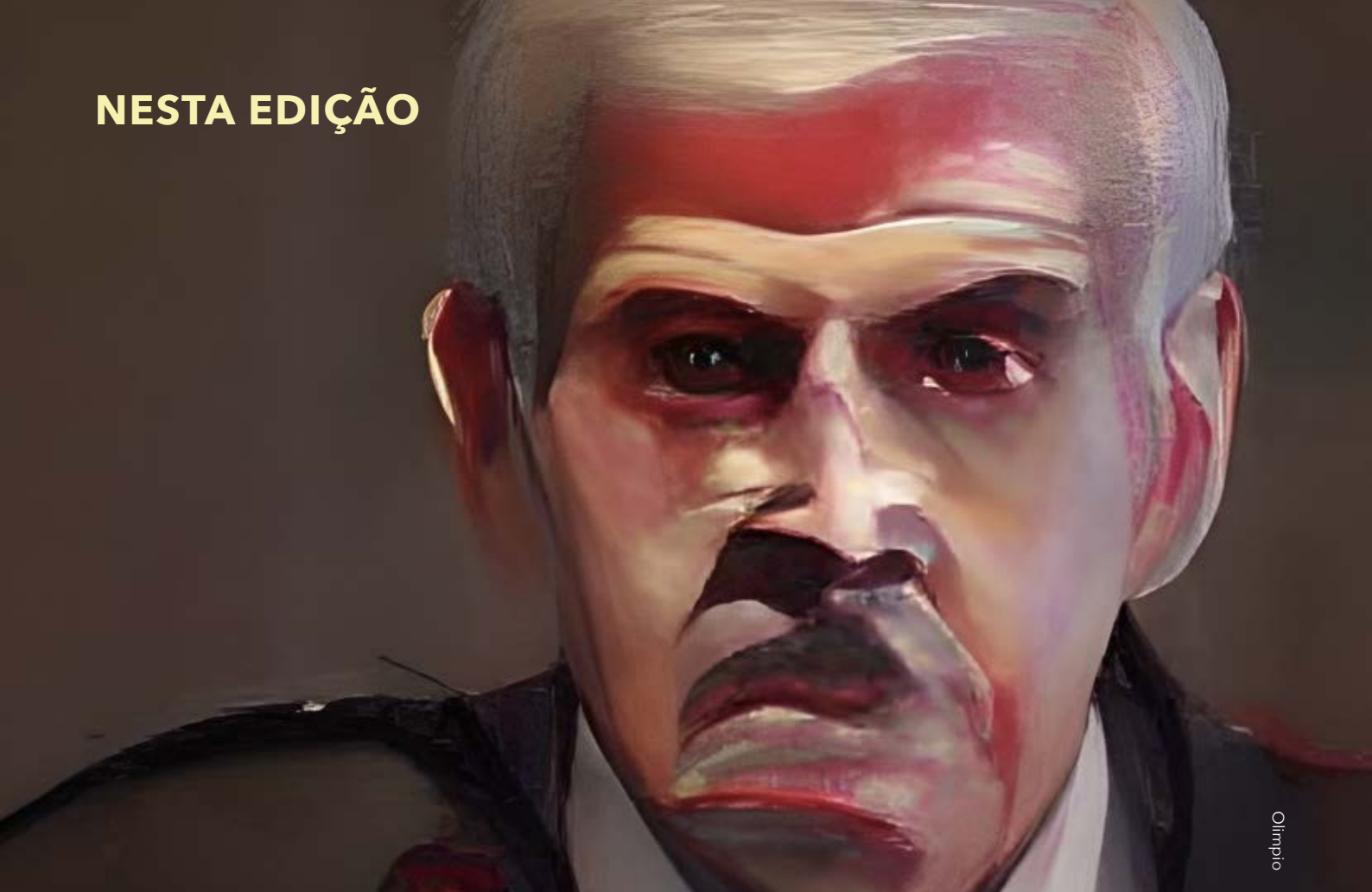
CONTATOS

webmaster@fpabramo.org.br

Endereço: Rua Francisco Cruz, 234 Vila Mariana

São Paulo (SP) - CEP 04117-091

Telefone: (11) 5571-4299 Fax: (11) 5573-3338



E DE QUEM É A AUTORIA INTELECTUAL DO ATENTADO?

As investigações abertas pelo Congresso Nacional para apurar as responsabilidades pelo ataque às instituições democráticas de 8 de janeiro fatalmente vão se aproximar de Jair Bolsonaro e do ex-ministro-chefe do GSI, general Augusto Heleno. E ainda tem o inquérito da PF e a CPI da Câmara Distrital. O bolsonarismo está encurralado.

Página 6

AO LEITOR. A criação da CPI sobre o 8 de Janeiro vai expor o golpismo

Página 5

AMAZÔNIA. EUA acenam com US\$ 500 milhões para reduzir o desmatamento

Página 16

CHINA. Xi Jinping conversa com Zelensky no esforço para negociar a paz

Página 26

ECONOMIA. No Senado, Roberto Campos reitera os juros altos asfixiantes

Página 10

INDÍGENA. Luta da ativista Alessandra Korap por terra Munduruku é premiada

Página 18

EUA. Joe Biden anuncia que vai disputar a reeleição na Casa Branca em 2024

Página 28

PESQUISA. Quaest mostra que a crise econômica é o que preocupa os brasileiros

Página 12

HISTÓRIA. A luta por salário para o trabalhador marcou o 1º de maio no século 20

Página 20

CULTURA. Enfim, depois de quatro anos, Chico Buarque recebe o Prêmio Camões

Páginas 32

SOCIAL. Congresso aprova R\$ 71,1 bilhões para custear novo Bolsa Família

Página 14

GUERRA. Na Europa, Lula reitera o compromisso do país na busca pela paz

Páginas 24

LITERATURA. A biografia de Marco Nanini e a estreia de Adjei-Brenyah na ficção

Páginas 34 e 36

CARTA AO LEITOR



GOLPE: A HORA DA VERDADE

Alberto Cantalice

A instalação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito que investigará a tentativa de golpe de Estado em 8 de janeiro mobiliza o país. Considerada por todos os analistas de Brasília como “tiro no pé” disparado por bolsonaristas, a CPI tem a obrigação de escarnecer e pôr à luz as vísceras do golpismo enrustido.

É preciso que a CPI vá a fundo nos porões que financiaram, estimularam e apologeticamente insuflaram as pessoas a depredarem a sede dos Três Poderes da República. “Não tenho dúvidas que Bolsonaro tentou dar um golpe”, disse o presidente Lula em entrevista ao jornal *El País*, da Espanha. Mas não só. A minuta que roteirizava a intentona e que foi encontrada na casa do ex-ministro da Justiça Anderson Torres é um dos fios do novelo.

A participação por ação ou omissão do antigo chefe do Gabinete de Segurança Institucional do governo Bolsonaro, general Augusto Heleno, bem como de outros altos oficiais merecem a mais ampla investigação pela gravidade dos fatos. Se comprovado o crime de lesa-pátria, eles merecem a prisão.

Apesar de ser o personagem principal da patranha, Jair Messias Bolsonaro não agiu sozinho. As conexões internacionais da extrema-direita tupiniquim também merecem o escrutínio da sociedade brasileira.

É inegável as digitais do trumpismo representado por Steve Bannon na disseminação da indústria das fakes news que inundaram as eleições de 2018, com claro transbordamento para o pleito iniciado em julho e concluído em outubro de 2022 com a vitória esmagadora de Lula.

O fenômeno da emergência do fascismo ultrapassa em muito as fronteiras nacionais. É uma

praga que se expande nos quatro cantos do mundo.

É hora das forças democráticas e progressistas se unirem cada vez mais em uma grande concertação global, na luta contra a xenofobia, o machismo, o racismo que compõem a espinha-dorsal dessa camarilha.

Nesta luta, devemos também permanecer unidos contra a exclusão e a concentração de renda e riquezas. O esvaziamento econômico dos países centrais e a luta de todos contra todos estimuladas por eles, não pode perdurar.

A chance de ouro das forças progressistas brasileiras é a CPI e para isso devemos contar com os parlamentares comprometidos com a luta contra o fascismo, dispostos a fazer o enfrentamento à luz do dia. Os porta-vozes da mentira não podem prevalecer.

É preciso derrotar a regressão reacionária.

A hora é agora! •

CAPA

Olimpico



A AUTORIA DO ATENTADO

O ex-presidente Jair Bolsonaro presta depoimento à Polícia Federal e tenta se eximir de responsabilidades, enquanto o cerco vai se fechando contra ele e seu auxiliares mais próximos. Além disso, a CPI para investigar os ataques de 8 de janeiro é instalada no Congresso, com o governo tendo maioria para conduzir os trabalhos por 180 dias. Agora, generais estão na mira e Ricardo Cappelli faz limpa no GSI

A responsabilidade direta do ex-capitão Jair Bolsonaro e de oficiais de alta patente que serviram no seu governo e estão na mira das investigações sobre os atentados de 8 de Janeiro foram o assunto da semana na política em Brasília. Os ataques ao Estado de Direito, às instituições democráticas e o atentado contra as sedes dos Três Poderes da República estão no centro de investigações conduzidas pela Polícia Federal e estarão sob os holofotes de uma Comissão Mista Parlamentar de Inquérito instalada pelo Congresso Nacional.

O cerco ao bolsonarismo continua se fechando, embora o próprio ex-presidente agora surja manso como um cordeiro em pele de lobo. Na quarta-feira, 26, Bolsonaro prestou depoimento na Polícia Federal em Brasília durante duas horas, dizendo que tudo não passou de engano e que ele estava sob efeito de morfina quando pôs nas redes sociais ataques diretos à Justiça Eleitoral. Em seu depoimento, claro, o líder da extrema-direita fez aquilo em que é mestre: mentiu e dissimulou.

Não conseguiu explicar porque compartilhou no Facebook, após os atos golpistas desferidos por seus apoiadores, em

8 de janeiro, um vídeo em que questionava a lisura das eleições presidenciais de 2022. Bolsonaro afirma que publicou o vídeo 'sem querer'. E jura que a derrota imposta pelo presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva, nos dois turnos das eleições presidenciais de outubro, agora é "página virada".

Lula da Silva enxerga em Bolsonaro o arquiteto da tentativa de golpe em janeiro. E acusou o ex-presidente diretamente pelo esforço de promover um atentado contra a democracia brasileira, abalada desde o golpe de 2016, quando Dilma Rousseff foi afastada da Presidência da República num acordo político

Adriano Machado/Reuters



QUEBRA-QUEBRA

Mais de 300 ativistas que promoveram os ataques às sedes dos Três Poderes em 8 de janeiro já foram indiciados pelo Supremo Tribunal Federal. Falta apontar a autoria intelectual dos ataques

entre tucanos e emedebistas. “Não tenho dúvidas de que ele [Bolsonaro] tentou dar um golpe. Isso ia acontecer desde o primeiro dia da minha posse, mas como havia muita gente, ele esperou uma semana”, disse Lula na entrevista concedida ao jornal espanhol El País, publicada na quinta-feira, 27.

“Vi tudo na televisão, agrediram o Palácio do Planalto, houve negligência por parte de quem guardava e entrava no Congresso Nacional, no Supremo Tribunal Federal e no Palácio. Agora há pessoas na cadeia. Procuramos também quem financiou, quem pagou, por exemplo, os veículos que transportaram [os bolsonaristas]. Agora, o secretário de Segurança de Brasília [Anderson Torres] está preso”, ressaltou o presidente.

Na quarta-feira, 26, o presidente do Congresso, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), leu o requerimento para a criação da CPI, já em meio às negociações de bastidor para a definição dos postos de comando da comissão. A CPI, que terá prazo de 180 dias e cuja instalação está prevista para a próxima semana, deve ser presidida por um deputado e relatada por um senador. Serão 16 deputados e 16 senadores. O governo tem maioria.

Mas nem o PT de Lula da Silva nem o PL de Bolsonaro ficarão nesses postos, a serem ocupados por nomes de partidos de centro e de direita hoje alinhados ao Palácio do Planalto. Lula acredita que a CPI no Congresso permitirá apontar o envolvimento direto de Bolsonaro, da família e de seus ex-ministros na Intentona de 8 de Janeiro, quando as sedes dos Três Poderes foram invadidas e vandalizadas em Brasília. Mais de 1,3 mil pessoas foram presas e o Supremo já abriu processo contra 300 envolvidos.

Mauro Pimentel/AFP



INTERVENTOR Secretário-executivo da Justiça de Flávio Dino, Ricardo Capelli assumiu nova missão, fez limpa no GSI e abriu as informações do 8 de Janeiro

Na última semana, o ministro-chefe interino do Gabinete de Segurança Institucional (GSI) da Presidência da República, Ricardo Capelli, voltou a responsabilizar o governo Bolsonaro pelas falhas de segurança durante a invasão ao Palácio do Planalto em 8 de janeiro. Ele isentou de culpa seu antecessor no cargo, o general Gonçalves Dias, demitido na semana passada, e responsabilizou diretamente o antecessor de ambos general Augusto Heleno.

LULA: “NÃO TENHO DÚVIDAS DE QUE ELE [BOLSONARO] TENTOU DAR UM GOLPE. ISSO IA ACONTECER NA POSSE, MAS ELE ESPEROU UMA SEMANA”

Capelli é o secretário-executivo do Ministério da Justiça e foi o interventor do governo federal na segurança pública de Brasília depois dos atentados.

“Se o GSI não funcionou adequadamente em 8 de janeiro, a culpa é de quem o dirigiu por quatro anos, e não por seis dias”, disse. “O general Heleno ‘pilotou o carro’ por 4 anos e entregou o ‘veículo’ avariado e contaminado para o general G.Dias, que pilotou por apenas seis dias. No 7º dia o carro pifou. De quem é a culpa? Não é possível falsificar a história. Conspiração não passa recibo”.

Na Câmara Distrital de Brasília, a CPI que apura os crimes ocorridos em 8 de janeiro abriu uma linha de investigação na última semana para apurar a responsabilidade dos militares. A CPI Distrital aprovou os requerimentos de convocação dos generais Gonçalves Dias e Augusto Heleno, que estiveram à frente do GSI. Dias deverá prestar esclarecimentos sobre sua ação durante o ataque dos extremistas ao Palácio do Planalto.

O militar foi demitido do comando do GSI após a divulgação de imagens gravadas pelas câmeras de segurança mostrarem ele circulando entre os extremis-



NA MIRA Ex-ministro-chefe do GSI, o general Heleno é homem de confiança de Bolsonaro e sua responsabilidade será alvo de investigações no Supremo e PF

tas. Já a convocação de Heleno visa apurar a participação dele na mobilização do acampamento bolsonarista montado em frente ao Quartel General do Exército, em Brasília, de onde a maioria dos envolvidos nos ataques à Praça dos Três Poderes partiu para promover a arruaça. Heleno deveria depor à CPI na semana passada, mas não compareceu. Ele foi visto no acampamento inúmeras vezes em novembro e dezembro do ano passado.

Na quarta-feira, 26, Cappelli oficializou a demissão de 29 agentes do GSI que estavam ocupando postos no Palácio do Planalto após a crise da divulgação das imagens que resultou na queda do ministro Gonçalves Dias. Dos 29 agentes que deixaram o Executivo, 24 pertencem às Forças Armadas. A maioria é de oficiais de alta patente.

Foram demitidos três dos quatro secretários nacionais do Gabinete de Segurança Institucional da Presidência: os secretários de Assuntos de Defesa e Segurança Nacional, brigadeiro Max Moreira; de Segurança e Coordenação Presidencial, general Marcius Netto; e de Coordenação de Sistemas, contra-almirante Marcelo Gomes. Também deixaram o GSI o diretor do Departamento de

Assuntos de Defesa e Segurança Nacional, coronel Ivan Karpischin, cinco supervisores e outros cinco assistentes.

As frentes de investigações na Polícia Federal e nas duas CPIs, da Câmara Distrital e do Congresso Nacional, têm tudo para gerar fortes dores de cabeça no ex-presidente e seus assessores. A PF parece mais adiantada e o próprio depoimento do ex-presidente não o ajuda no inquérito aberto pelo Supremo

**RICARDO CAPELLI
SOBRE O GENERAL
HELENO: “SE O GSI
NÃO FUNCIONOU
ADEQUADAMENTE
EM 8 DE JANEIRO,
A CULPA É DE
QUEM O DIRIGIU POR
QUATRO ANOS”**

Tribunal Federal (STF) para apurar os atos golpistas promovidos por bolsonaristas e radicais de extrema-direita em 8 de janeiro.

A PF tomou as declarações de Bolsonaro após determinação do ministro do STF, Alexandre de Moraes, relator do inquérito policial. Na avaliação de investigadores, uma postagem feita no dia 10 de janeiro pelo ex-presidente o ligaria aos atos golpistas do dia 8 de janeiro. Ele apagou a publicação em seguida.

No depoimento na semana passada, o ex-presidente afirmou que em 9 de janeiro – ou seja, entre o dia dos atos golpistas e a postagem com informações falsas em rede social –, teve uma crise de obstrução intestinal e foi internado em um hospital na Flórida, nos Estados Unidos. Ele teria recebido morfina como analgésico.

O procurador-geral da República, Augusto Aras, disse no início de abril que Bolsonaro “supostamente incentivou a perpetração de crimes” contra o Estado de Direito. O ex-presidente havia deixado o país após a derrota e estava hospedado em Orlando, na Flórida, durante os ataques. Bolsonaro nunca admitiu abertamente a derrota na corrida presidencial.

Ele também repetidamente fez alegações infundadas que semearam dúvidas sobre a confiabilidade do sistema de votação eletrônico do Brasil, adotada pelo Tribunal Superior Eleitoral, presidido por Alexandre de Moraes. Muitos de seus partidários obstinados ainda acreditam que a eleição foi fraudulenta, embora não haja quaisquer evidências ou provas que apontem para tal hipótese. Agora, a luz de duas CPIs e de um inquérito vão mostrar qual foi o papel desempenhado por Bolsonaro, Heleno e outros radicais da extrema-direita. •



E O QUE FAZER? O presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto, em audiência no Senado com o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, voltou à mesma cantilena de que os juros estão altos porque a inflação segue alta

BOB NETO, E OS JUROS ALTOS?

Prévia da inflação desacelera e vai a 0,57% em abril, mas o Banco Central de Roberto Campos Neto continua na mesma ladainha: “integridade técnica do BC precisa ser respeitada”. Haddad e Tebet apontam que a trajetória dos juros precisa mudar agora, sob pena de o país não sair do atoleiro

O mundo real continua apontando para mudanças drásticas na condução da política econômica, sob pena de os esforços do governo Luiz Inácio Lula da Silva para melhorar a vida do povo sejam em vão. Na última semana, a equipe econômica esteve no Senado para discutir os rumos da economia nacional, mas o presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto, manteve a mesma cantilena sobre a necessidade de congelar o pata-

mar atual dos juros básicos.

Diante de senadores, ele tentou convencer o que a inflação está na raiz da estratégia do Banco Central (BC) de submeter a economia à política de juros apocalípticos no patamar de 13,75%. Convidado a explicar a Selic estratosférica do BC à Comissão de Assuntos Econômicos do Senado, arriscou o velho discurso de sempre: “a integridade técnica da autoridade monetária precisa ser respeitada”. E mais do mesmo: “a dívida pública do Brasil está acima dos países emergen-

tes e é preciso ter credibilidade para cortar os juros”.

E, culminou com a seguinte pérola: “Se fizermos o trabalho de conter a inflação, poderemos voltar a cair a taxa de juros”. Pois bem. O IPCA-15 de abril, a prévia da inflação do mês, desacelerou novamente, estacionando em 0,57%. As projeções do mercado apontavam um índice de 0,61%. Em março, o percentual foi de 0,69% e, em fevereiro, de 0,76%. No acumulado de 12 meses, o IPCA-15 ficou em 4,16%, índice menor que os 5,36% dos

12 meses anteriores.

Trata-se, portanto, da mais baixa inflação em mais de dois anos, quando, em outubro de 2020, o percentual chegou a 3,52%. Daí a pergunta: O que falta então para Campos Neto reduzir os juros? Ele não explica, mas houve quem voltasse a apontar o equívoco central da política monetária tocada pelo Banco Central, ainda sob os auspícios do neoliberalismo velhaco celebrado e enaltecido por Paulo Guedes durante os últimos quatro anos no governo Bolsonaro.

Em sessão no plenário do Senado, o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, lamentou decisões do governo anterior que aumentaram as despesas públicas e reduziram a arrecadação. Ele também defendeu a revisão da concessão de renúncias fiscais, que somam R\$ 600 bilhões. Haddad sugeriu a alteração na rota do Banco Central ressaltando que a alta dos juros inviabiliza o crescimento do país.

Haddad disse que uma desaceleração da economia relacionada à condução da política monetária levaria a problemas fiscais, e voltou a pedir “harmonização” da ala monetária com a trajetória das contas públicas. Além de Haddad, Simone Tebet também defendeu a queda dos juros, atualmente no patamar de 13,75%.

A ministra do Planejamento, Simone Tebet, disse que o Banco Central não pode considerar que suas ações são apenas técnicas, pois as decisões da autoridade monetária interferem na política. “Juros, inflação e crescimento são três coisas que precisam andar juntas, não podem estar isoladas”, declarou. “O crescimento não pode ficar no meio do caminho”.

A presidenta do PT, deputada federal Gleisi Hoffmann (PR), voltou a criticar Campos Neto e a manutenção da Selic. “A inflação

do Brasil nunca ficou tão baixa no ranking internacional, estamos em 144º lugar em 190 países pesquisados”, afirmou. “E a taxa de juro real continua sendo a mais alta do mundo. O presidente do BC devia estar cumprindo determinação legal de atuar no crescimento da economia e geração de emprego”.

De acordo com o IBGE, todos os nove grupos de produtos e serviços tiveram alta, mas alguns com desaceleração. Itens de higiene pessoal tiveram um recuo

A MINISTRA SIMONE TEBET: “JUROS, INFLAÇÃO E CRESCIMENTO SÃO TRÊS COISAS QUE PRECISAM ANDAR JUNTAS, NÃO PODEM ESTAR SEPARADAS”

expressivo, passando de 2,36% em março para 0,35% em abril, especialmente pela queda nos preços dos perfumes (1,99%).

O setor de alimentos também apresentou queda, como batata-inglesa (7,31%), cebola (5,64%), óleo de soja (4,75%) e carnes (1,34%). Por outro lado, os ovos subiram 4,36%. A gasolina também registrou alta de 3,47%.

No Senado, Campos Neto não conseguiu reagir à intervenção do senador Cid Gomes (PD-T-CE), que comparou a situação da economia brasileira à dos

Estados Unidos, apontando a disparidade na condução da política monetária. Ele comparou os juros e a inflação do Brasil com os números dos Estados Unidos e disse não haver razoabilidade na diferença entre eles.

“A inflação do Brasil em 2022 foi de 5,8%. A nossa taxa de juro terminou o ano com 13,75%”, disse. “[Nos Estados Unidos,] a inflação foi de 6,5%. Taxa de juros ao final do ano [...] 4,5% ao ano”, completou. E completou: o desemprego norte-americano foi de 3,5% em 2022, enquanto no Brasil foi de 9,3%.

“Sabe onde é que vai incidir esses 13,75%? Na nossa dívida. Na dívida do governo federal que, em março, [tinha] R\$ 7,3 trilhões”, declarou Cid Gomes. Ele ressaltou que, em 2022, os juros aumentaram a dívida pública em R\$ 802 bilhões. E destacou que o efeito é de uma “bola de neve”. Segundo senador, a dívida do Brasil subiria para R\$ 292 bilhões se os juros fossem os mesmos ao dos EUA. “Isso seria uma economia [...] de R\$ 510 bilhões se praticasse a taxa de juros da meca do capitalismo, dos Estados Unidos”, declarou. “Quem passou a ser beneficiário no ano passado de R\$ 510 bilhões? [...] Vai cair na conta do tal rentista”, disse.

Cid disse que o BC faz um papel de Robin Hood ao reverso, transferindo dinheiro dos mais pobres para os ricos. Esse dinheiro poderia ser usado para triplicar o Bolsa Família, fazer 3,6 milhões de habitações populares, 134 mil escolas por ano ou elevar o salário mínimo para R\$ 4 mil. “Eu não sou radical, eu não sou comunista, eu não socialista, eu sou social democrata. Eu acredito na força e fundamental importância da iniciativa privada”, disse. “O melhor negócio no Brasil hoje é vender seu negócio e botar o seu dinheiro na aplicação financeira”. •



Olimpio

É A ECONOMIA QUE PREOCUPA

Pesquisa Quaest reforça que brasileiros estão ainda com muitas expectativas em relação ao cenário nacional e temem a piora nas condições de vida, com medo do desemprego

Matheus Tancredo Toledo

A expectativa dos brasileiros sobre a situação econômica do país segue em alta, de acordo com a última pesquisa Quaest, realizada sob encomenda da Genial. Os dados apontam que a economia continua como tema de grande atenção da maior parte da população - como sugerimos em artigos anteriores na tentativa de compreender a avaliação regular

do governo como parte da expectativa de quem está 'esperando para ver' a melhora da situação.

Para a maior parte dos brasileiros, o principal problema do Brasil é a economia (31%), seguido por 'questões sociais' - com 22%, categorização do instituto para temas como fome/miséria, desigualdade, pobreza, população em situação de rua, habitação e moradia.

Desde dezembro, os dados apontam para uma reversão de expectativas - de mais otimistas para mais cautelosas, reforçan-

do o peso de tal questão para a construção de popularidade. Esta é a principal avaliação do Núcleo de Opinião Pública, Pesquisas e Estudos (Noppe), da Fundação Perseu Abramo, baseada nos dados da pesquisa.

Na semana anterior, abordamos os dados de avaliação do governo com foco no recorte de votação nas eleições anteriores, indicando como estão pensando os eleitores do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, do líder da extrema-direita nacional Jair

QUAL A SUA EXPECTATIVA SOBRE DESEMPREGO

LULA APROVADO POR 52% DOS MINEIROS

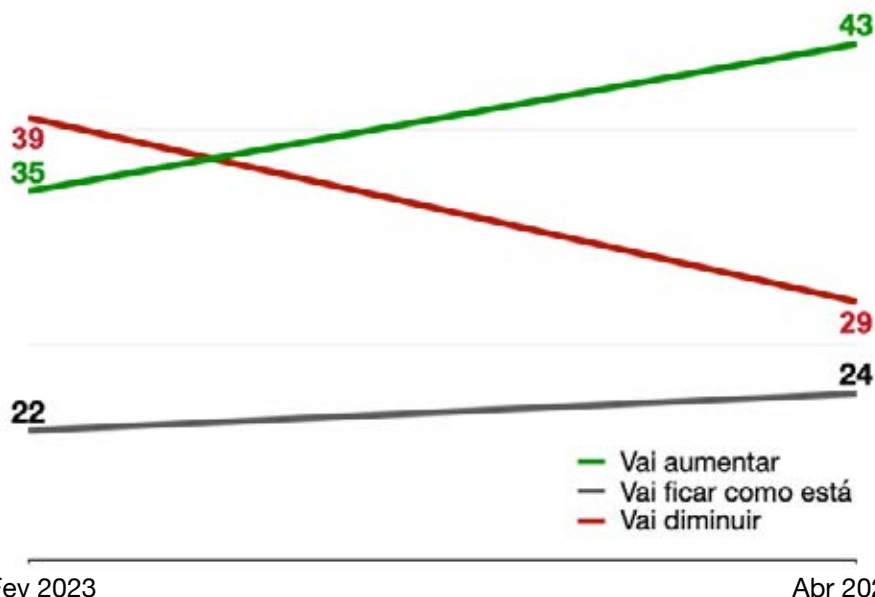
O governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva é aprovado por 52% dos eleitores de Minas Gerais. É o que revela a pesquisa Quaest que mostra que a desaprovação do governo está em 38% dos entrevistados. Outros 10% não sabem ou não responderam à pergunta.

Conforme o levantamento, foram feitas 1.507 entrevistas, entre os dias 14 e 16 de abril, com eleitores com mais de 18 anos em Minas. A margem de erro é de 2,5 pontos percentuais para mais ou para menos e o índice de confiança é de 95%.

A pesquisa da Quaest também mostra os dados de aprovação ou desaprovação do governo Lula conforme o sexo, faixa etária, renda e escolaridade. Lula tem aprovação maior entre as mulheres de Minas: 55% contra 48% para os homens. Entre os que desaprovam a gestão do petista, a maioria é de eleitores do sexo masculino. Conforme a pesquisa, 41% dos homens rejeitam o governo, contra 36% das mulheres. No caso delas, 9% não responderam à pergunta e, no caso deles, 11%.

A aprovação do governo Lula é maior entre os jovens de 18 a 34 anos, revela a pesquisa Quaest. Entre eleitores nesta faixa etária, 54% aprovam a gestão do terceiro mandato do presidente, até o momento. Os que desaprovam somam 39% dos eleitores e outros 7% não sabem ou não responderam.

O percentual dos que aprovam o governo Lula é igual entre os eleitores com 35 a 59 anos e entre os que têm mais de 60 anos. Neste primeiro grupo, 39% desaprovam a gestão e, no segundo grupo, o percentual é de 36%.



Fev 2023

Abr 2023

FONTES: QUAEST/GENIAL

Bolsonaro, mas também aqueles que não votaram nas eleições de outubro de 2022 ou votaram em branco ou nulo.

De acordo com o levantamento da Quaest, a maior parte dos entrevistados relata uma percepção de manutenção da situação econômica nos últimos 12 meses: 39% afirmam que a economia ficou do mesmo jeito, 34% que piorou e 23% que melhorou. Houve uma queda substancial na parcela que afirma ter visto melhora de 7 pontos percentuais desde fevereiro.

A expectativa de mudança na situação econômica nos próximos 12 meses é positiva para 51% – 11 pontos a menos do que o registrado em fevereiro pela Quaest. E negativa para 29% – ou 9 pontos a mais.

Um dado importante é que embora uma grande maioria dos eleitores de Lula esperem melhora econômica, o número caiu de 86% para 76% no perí-

odo já mencionado. Houve ainda piora nas expectativas relacionadas a emprego e renda. Aumentou de 35% para 43% a perspectiva de que o desemprego irá aumentar, de 39% para 49% a expectativa de aumento da inflação e de 26% para 37% a expectativa de diminuição do poder de compra. Entre os consultados, 29% acreditam que o desemprego vai diminuir no próximo ano, enquanto 24% pensam que vai continuar do jeito que está. 4% dos entrevistados disseram não saber ou preferiram por não responder.

O estudo foi feito com base em 2.015 entrevistas feitas pessoalmente com eleitores brasileiros de 16 anos ou mais, entre os dias 13 e 16 de abril. A margem de erro é de 2,2 pontos percentuais – para mais ou para menos. •

31%
dos entrevistados pela Quaest consideram que o principal problema do Brasil hoje é a economia, enquanto 22% apontam as "questões sociais"

* Cientista político doutorando pela USP, é analista do Núcleo de Opinião Pública, Pesquisas e Estudos da Fundação Perseu Abramo. •

NOVO
BOLSA
família
CUIDADO E
TRANSFORMAÇÃO
SOCIAL



R\$ 71,1 BI PARA O BOLSA FAMÍLIA

Com apoio do Congresso, Lula assegura no Orçamento da União os recursos necessários para custear o novo programa administrado pelo Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social

O povo brasileiro agora pode celebrar mais uma vitória do governo Lula no enfrentamento à fome no país. Em sessão conjunta, deputados e senadores aprovaram na última quarta-feira, 26, a proposta do governo federal que garante R\$ 71,1 bilhões para o novo Bolsa Família.

Com a decisão do Congresso Nacional, o PLN 3/23 transfere no orçamento deste ano os recursos do antigo Auxílio Brasil para o novo Bolsa Família. O crédito especial será repassado ao Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome.

Do valor total previsto, a maior parte – R\$ 70,85 bilhões – é destinada ao pagamento do Bolsa

Família às famílias atendidas. O valor de R\$ 44,37 milhões será destinado a custear as despesas de operacionalização de pagamento dos benefícios, e R\$ 544,3 milhões serão encaminhados para apoio na gestão do Bolsa Família nos estados, municípios e Distrito Federal. O ministro do Desenvolvimento, Wellington Dias, celebrou: “Comemoro a aprovação no Congresso do crédito de R\$ 71 bilhões para o Bolsa Família”.

Com o novo programa social, 21,8 milhões de famílias brasileiras serão beneficiadas com o valor mínimo de R\$ 600 e benefícios adicionais de R\$ 150 para cada criança de até 6 anos de idade e R\$ 50 para cada integrante da família com idade entre 7 e 18 anos incompletos, além de gestantes.

Pelo menos 8,9 milhões de crianças serão favorecidas.

Na terça-feira, 25, Wellington Dias esteve no Senado Federal em audiência conjunta das comissões de Assuntos Sociais (CAS) e de Direitos Humanos (CDH) para apontar os passos que estão sendo dados pelo governo Lula para recomposição das políticas na área social que serão capazes de retirar, novamente, o Brasil do Mapa da Fome da Organização das Nações Unidas (ONU).

O ministro destacou a importância da recuperação de todo o sistema de segurança alimentar e nutricional, além do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), desmantelados pelo governo anterior. Além disso, a reconstrução do Cadastro Único, desconfigurado por motivos



DESAFIO Wellington Dias esteve no Senado e falou sobre a calamidade social brasileira: 94 milhões de pessoas estão em situação de pobreza hoje

eleitorais em 2022, será fundamental para que os recursos do novo Bolsa Família alcance quem realmente necessita.

“O Brasil, em janeiro, havia 94 milhões de pessoas no Cadastro Único. Isso significa que temos 94 milhões de pessoas na pobreza. Quase a metade da população de um país que está entre as dez maiores potências econômicas do mundo está na pobreza”, alertou. “Deste total, 55 milhões estavam no antigo Auxílio Brasil, o que significa, extrema pobreza. Estou falando de um quarto da população, que deve estar na extrema pobreza. Num país que é o quarto maior produtor de alimentos do mundo. Temos um problema grave para resolver”.

Presidente da Comissão de Direitos Humanos, o senador Paulo Paim (PT-RS), destacou o fato de o Brasil ter “saído dos trilhos” nos últimos anos e classificou como fundamental a recuperação dos programas assistenciais. “O Brasil atual tem enorme dívida com os mais necessitados. A fome, a miséria e a pobreza são avassaladoras”, disse. “A desigualdade persiste. São desafios sem precedentes. Saímos dos trilhos, milhões estão sem trabalho, sem renda, sem

acesso adequado aos serviços públicos básicos. É dever de todos unirmos forças e esforços para mudar esse cenário”.

Presidente da Comissão de Assuntos Sociais, o senador Humberto Costa (PT-PE), celebrou o retorno do Bolsa Família. Ele lembrou o desmonte do sistema construído ao longo de anos, e reconhecido internacionalmente, para transformar toda a estrutura assistencial, por meio do Auxílio Brasil, numa ferramenta de compra de votos.

“Não havia qualquer critério para garantir o acesso das pessoas aos benefícios – a não ser o critério político. Mais de 1,5 milhão de beneficiários que não se enquadram nos critérios utilizados. Isso caracteriza um processo de injustiça completa. Os mais pobres,

além de conviver com a miséria e a fome, tinham que conviver com uma política marcada pela desigualdade”, disse. “Essas pessoas que receberam indevidamente devem ser obrigadas a ressarcir o poder público”.

Entre 2003 e 2014, nos governos Lula e Dilma Rousseff, o Brasil saiu do Mapa da Fome e da insegurança alimentar e nutricional. No entanto, a partir de 2021, o país registou 33 milhões com algum nível e insegurança alimentar. Isso significa que 28% da população não tem acesso a três refeições diárias. “Encontramos 28% da população sem poder fazer as três refeições diárias”, alertou o ministro do Desenvolvimento Social.

A extrema pobreza e a pobreza no Brasil são mais graves nos grandes centros. No Nordeste, 24% da população não faz as três refeições diárias. A região Sul, hoje, se equipara ao Nordeste com 25% de pessoas nessa situação. Já no Sudeste, esse índice chega a 34%.

O ministro Wellington Dias destacou a capilaridade do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) e a importância de sua presença em todos os municípios do Brasil. Ao todo, são aproximadamente 12 mil unidades de Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) e Centro Pop – voltados para o atendimento da população em situação de rua.

Para evitar que toda essa estrutura seja desmantelada como ocorreu nos anos anteriores, o ministro sugeriu a criação de um fundo permanente com recursos destinados a União, estados e municípios. “É preciso ter dinheiro garantido para que o prefeito lá no seu município tenha a segurança de um cofinanciamento que permita fazer um concurso para assistente social, para psicólogo”, destacou Dias.

• **Agência PT**

55 MILHÕES

de brasileiros estão cadastrados no antigo Auxílio Brasil, o que significa que um quarto da população está na extrema pobreza

DINHEIRO CONTRA DESMATAMENTO

Casa Branca sinaliza reforço ao Fundo Amazônia, na tentativa de reverter a destruição e o desmatamento na floresta tropical. Mas o secretário da ONU dá um pito nos países desenvolvidos e alerta para o aumento desenfreado do uso de combustíveis fósseis, como petróleo e gás, em plena emergência climática

No esforço de estreitar as relações entre Brasil e Estados Unidos, a Casa Branca quer mostrar à comunidade internacional que mantém sua preocupação quanto à agenda ambiental. O presidente Joe Biden anunciou planos para aumentar o financiamento dos EUA ao Brasil para ajudar o governo Luiz Inácio Lula da Silva e outras nações em desenvolvimento a combater as mudanças climáticas e reduzir o desmatamento na floresta amazônica durante reunião com líderes na quinta-feira, 20.

Durante a reunião do Fórum

das Principais Economias sobre Energia e Clima, Biden prometeu US\$ 1 bilhão para o Green Climate Fund, um programa liderado pelas Nações Unidas que busca ajudar os países em desenvolvimento a se tornarem mais resilientes às mudanças climáticas. “Como grandes economias e grandes emissores, devemos intensificar e apoiar essas economias”, justificou. Os países que compõem o fórum são responsáveis por cerca de 80% do produto interno bruto global e das emissões de gases de efeito estufa.

O secretário-geral da ONU, Antonio Guterres, desafiou os es-

forços climáticos de Biden e de outros líderes na mensagem para a reunião de cúpula. Ele acusou os países de perseguirem a expansão a qualquer custo na perfuração de petróleo e gás e outras políticas de energia suja das nações mais ricas. Isso seria o equivalente a uma “sentença de morte” para o planeta – criticou.

O desafio surgiu quando a guerra da Rússia na Ucrânia e outras ameaças ao suprimento mundial de petróleo e gás de curto prazo estão levando os EUA e algumas outras nações a aumentar a produção de petróleo, gás natural e carvão para suprirem suas



Reprodução

ALERTA Secretário-geral da ONU criticou nações mais ricas, que continuam a ampliar uso de combustíveis fósseis, apesar das promessas feitas em reuniões

fontes de energia. A adoção renovada dos combustíveis fósseis está ampliando os conflitos com os esforços, planos e promessas climáticos feitos em plenárias internacionais. A promessa de reduzir os gases de efeito estufa estão longe de virarem realidade.

Biden abriu a cúpula relatando os bilhões de dólares de seu governo em esforços climáticos e anunciando US\$ 1 bilhão em novos financiamentos climáticos para nações em desenvolvimento, bem como outras legislações e programas. Nos Estados Unidos e em outros lugares, no entanto, a adoção renovada dos combustíveis fósseis está criando conflitos com os esforços, planos e promessas climáticas.

“As divisões geopolíticas não devem torpedear a luta climática mundial”, alertou Guterres. “A ciência é clara: novos projetos de combustíveis fósseis são totalmente incompatíveis” com a manutenção do aquecimento global dentro dos limites com os quais os EUA e cerca de 200 outras nações se comprometeram no acordo climático de Paris de 2015.

O pito de Guterres eclipsou o anúncio de Biden de mais dinhei-

ro com a promessa de reverter o desastre na Amazônia. O presidente dos EUA se comprometeu a destinar US\$ 500 milhões em cinco anos para reduzir o desmatamento no Brasil.

A medida tornaria a América um dos maiores contribuintes do Fundo Amazônia, um programa de conservação estabelecido há

**A CIÊNCIA É CLARA:
NOVOS PROJETOS
DE COMBUSTÍVEIS
FÓSSEIS SÃO
TOTALMENTE
INCOMPATÍVEIS
COM OS ESFORÇOS
PARA CONTER O
AQUECIMENTO**

mais de uma década, que conta hoje com contribuições de Alemanha e Noruega e permaneceu congelado durante o governo Jair Bolsonaro. No entanto, esse investimento exigiria ainda a aprovação do Congresso, onde o Partido Republicano se mantém refratário à agenda ambiental.

A administração Biden pretende reduzir as emissões de gases de efeito estufa pela metade até 2030 e instou os países desenvolvidos a fornecer assistência climática internacional às nações mais pobres. “Os impactos da mudança climática serão mais sentidos por aqueles que menos contribuíram para o problema, incluindo nações em desenvolvimento”, disse.

O financiamento vem depois que o presidente prometeu em 2021 trabalhar com o Congresso para quadruplicar o apoio climático dos EUA aos países em desenvolvimento para US\$ 11,4 bilhões por ano até 2024. O governo não está nem perto de atingir essa meta. No ano passado, a Casa Branca aprovou apenas US\$ 1 bilhão para ajudar os países mais pobres a lidar com as mudanças climáticas.

“Estamos em um momento de grande perigo, mas também de grandes possibilidades”, disse Biden. “Com o compromisso certo e o acompanhamento de todas as nações nesta chamada, a meta de limitar o aquecimento a 1,5°C pode ficar ao nosso alcance”. O pedido do presidente de financiamento climático adicional provavelmente enfrentará forte oposição da Câmara controlada pelos republicanos.

O fórum das principais economias inclui Argentina, Austrália, Brasil, Canadá, Chile, China, Egito, Comissão Europeia, França, Alemanha, Índia, Indonésia, Itália, Japão, Coreia do Sul, México, Nigéria, Noruega, Arábia Saudita, Turquia, Emirados Árabes Unidos, Reino Unido e Vietnã. •

PRÊMIO À LUTA PELA TERRA

A líder indígena Alessandra Korap, do povo Munduruku, que vive na Amazônia, é uma das ganhadoras do Goldman. Ela tem denunciado a invasão de terras dos povos originários por garimpeiros e outros envolvidos em crimes ambientais

A defesa das terras indígenas no Brasil e a proteção à floresta tropical renderam à ativista Alessandra Korap o Prêmio Ambiental Goldman, concedido na segunda-feira, 24, a militantes de base em todo o mundo que se dedicam a proteger o meio ambiente e promover a sustentabilidade. Ela é uma das novas lideranças indígenas surgidas no país e que tem se insurgido contra o cerco às terras do povo Munduruku, espalhados no Pará e Mato Grosso.

“Este prêmio é uma oportunidade de chamar a atenção para a demarcação do território Sawre Muybu”, diz Korap, apontando a reserva localizada no estado do Pará, identificada pelo governo Dilma Rousseff ainda em 2016, mas ainda à espera de demarcação. “É nossa principal prioridade, junto com a expulsão de garimpeiros ilegais”. O povo Munduruku vive na bacia do rio Tapajós e tem sido ameaçado pela mineração ilegal e outras atividades econômicas perigosas conduzidas de maneira predatória e estimuladas pelo governo anterior.

Alessandra Korap e outras mulheres Munduruku assumiram a responsabilidade de defender seu povo, derrubando a liderança tradicionalmente masculina. Organizadas em suas comunidades, elas orquestraram manifestações, apresentaram provas contundentes de crimes ambientais à Procuradoria Geral

Eric Risberg/AP



LUTA Alessandra Korapa clama pela demarcação de Sawre Muybu, localizada no Pará e onde vivem os índios Munduruku. Área foi identificada com Dilma

da República e à Polícia Federal e se opuseram veementemente a acordos ilícitos e incentivos oferecidos aos Munduruku por garimpeiros, madeireiros, corporações e líderes políticos sem escrúpulos que buscam acesso às suas terras.

O território Sawre Muybu é uma área de floresta tropical virgem ao longo do rio Tapajós abrangendo 178.000 hectares. O reconhecimento oficial da terra, ou demarcação, começou em 2007, a terra indígena foi identificada em 19 de abril de 2016, ainda no governo Dilma Rousseff. As etapas seguintes que levariam à demarcação e homologação da terra foram congeladas durante o governo do líder da extrema-direita de Jair Bolsonaro.

Ainda assim, o povo Mun-

duruku comemorou uma vitória em 2021, quando a mineradora britânica Anglo American desistiu de tentar desenvolver a mineração dentro de territórios indígenas no Brasil, incluindo Sawre Muybu. Os 168 indígenas Munduruku que vivem na área estão constantemente ameaçados pelo garimpo ilegal, bem como os índios Kayapó, que também vivem no estado do Pará.

O Ministério dos Povos Indígenas já anunciou um plano de ação de retirada de invasores, que inclui territórios indígenas em Rondônia, no Maranhão e no Pará. A prioridade no primeiro momento foram os índios ianomami, que vivem em Roraima, assolados por grave crise humanitária e sanitária. Dados do Mapiomas mostram que a prática

do garimpo ilegal nos três territórios indígenas – Kayapó, Munduruku e Yanomami – explodiu nos últimos anos.

Entre 2010 e 2020, a área de garimpos em terras indígenas cresceu 495%. Há três anos, 9,3% das áreas de garimpo já estavam localizadas dentro de áreas indígenas. Em 2021, o território Kayapó concentrava 11.542 hectares de garimpo ilegal. Em segundo lugar, a terra Munduruku, com 4.743 hectares. E, em terceiro, a área Yanomami, com 1.044 hectares. Os povos indígenas têm sofrido com a exposição ao mercúrio, usado para facilitar a extração do ouro, por meio da alimentação baseada no consumo de peixes.

Estudos têm mostrado que as florestas controladas pelos indígenas são as mais bem preservadas da Amazônia. Quase metade da poluição climática do Brasil vem do desmatamento. A destruição agora é tão grande que a Amazônia oriental, não muito longe dos Munduruku, deixou de ser um sumidouro de carbono, ou rede absorvedora do gás, para se tornar uma fonte de carbono, segundo estudo da revista *Nature*.

Korap, no entanto, sabe que os direitos à terra por si só não protegem a terra. Na vizinha terra indígena Munduruku, garimpeiros ilegais destruíram e contaminaram centenas de quilômetros de cursos d'água em busca de ouro, mesmo a demarcação tendo sido reconhecida em 2004.

Desde que assumiu a Presidência da República, o líder Luiz Inácio Lula da Silva anunciou operações para expulsar os garimpeiros de áreas indígenas. Ele também anunciou a criação do Ministério dos Povos Indígenas, comandado por Sonia Guajajara, e designou a ex-deputada Joênia Wapichana para a presidência da Fundação Nacional do Índio (Funai). •

Marcelo Camargo/ABr



ABRIL INDÍGENA EM BRASÍLIA

Acampamento denuncia violência, emergência climática e a paralisação na demarcação de terras

Abril é mês de Acampamento Terra Livre e o tema da sua 19ª edição foi “O futuro indígena é hoje. Sem demarcação, não há democracia!”. O acampamento, tradição e referência de mobilização social democrática e participativa, é organizado pela Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib), e foi realizado na Praça da Cidadania, em Brasília, reunindo mais de 6 mil indígenas na última semana.

Na convocatória do acampamento, a Apib aponta a importância do movimento e da luta organizada. “Nossa diversidade é nosso futuro. Somos 305 povos em território brasileiro. Essa grande riqueza cultural e humana é um privilégio de poucas nações”, diz a ONG. “O futuro Indígena é hoje, sem demarcação não há democracia”.

Maior mobilização indígena do Brasil, o acampamento este ano reforça a necessidade da demarcação das terras indígenas, pede o fim da violência e decreta o estado de emergência climática, para enfrentar o racismo ambiental e as violações de direitos causadas pelas mudanças no

clima. A mensagem reforça a importância da demarcação de terras indígenas, que ficaram paralisadas nos últimos quatro anos, durante a gestão de Bolsonaro.

A presidenta da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai), Joenia Wapichana, visitou as instalações do local e participou da plenária. Ela reforçou a importância da retomada dos processos de demarcação de terras indígenas. E denunciou o sucateamento do órgão no governo anterior. “Esse é o primeiro desafio, reverter esse quadro negativo em que encontramos a Funai. Queremos cumprir nossa missão, mas precisamos estruturar o órgão”, disse.

Ela anunciou a retomada do trabalho de regularização fundiária. “Estamos preparando 14 áreas indígenas a serem homologadas. Também instituímos 14 grupos de trabalho para identificação e delimitação. Já existem seis áreas com a portaria declaratória a ser assinada”, disse. Ela anunciou a revogação de instruções normativas e a retomada do diálogo com lideranças dos povos indígenas. “Essa luta é nossa”, afirmou. •

2 de maio de 1932

SANTOS, SÃO PAULO E RIO TÊM GREVE

Na capital paulista, trabalhadores de várias categorias profissionais entram em greve reivindicando a proibição do trabalho de menores de 14 anos, a regulamentação dos direitos da mulher e a jornada de 8 horas de trabalho na indústria. Cruzam os braços também os ferroviários da São Paulo Railway, os operários das fábricas de calçado, os vidreiros, os tecelões e os garçons. Além das reivindicações gerais, cada categoria apresenta exigências específicas. A polícia reage, prendendo dezenas de lideranças operárias.

4 de maio de 1932

CONQUISTA: 8 HORAS DE TRABALHO

O presidente Getúlio Vargas atende a uma das principais reivindicações dos operários e estabelece que todos os trabalhadores urbanos, nas fábricas, escritórios e estabelecimentos comerciais, e que exerçam suas funções durante o dia, terão sua jornada limitada a oito horas diárias e a seis dias por semana. Todos terão direito a um dia de descanso semanal, preferencialmente aos domingos. O trabalho noturno é limitado a sete horas. Trata-se de uma vitória histórica dos trabalhadores, que havia décadas lutavam pela jornada de trabalho de oito horas.



1º de maio de 1940

GETÚLIO ASSINA DECRETO DO SALÁRIO MÍNIMO

Getúlio Vargas baixa decreto determinando que todo trabalhador brasileiro, sem distinção de sexo, tem direito a um salário mínimo mensal que deve satisfazer, segundo o texto do decreto, “às suas necessidades normais de alimentação, habitação, vestuário, higiene e transporte”. O decreto do salário mínimo não contemplou os trabalhadores do campo.

Pela primeira vez no Brasil, o Dia do Trabalho foi comemorado num estádio de futebol – o São Januário, no Rio de Janeiro. Getúlio en-

trou no campo do Vasco da Gama em carro aberto, sob aplausos de 40 mil trabalhadores. A festa foi organizada pelo Departamento de Imprensa e Propaganda e transmitida pelo rádio a todo o país.

Getúlio falou à multidão que “os trabalhadores brasileiros nunca obtiveram, sob os governos eleitorais, a menor proteção, o mais elementar amparo. Para arrancar-lhes os votos, os políticos profissionais tinham de mantê-los desorganizados e sujeitos à vasalagem dos cabos eleitorais”.

1º de maio de 1943

PRESIDENTE CONSOLIDA AS LEIS DO TRABALHO

Getúlio assina a Consolidação das Leis do Trabalho durante as comemorações de 1º de Maio, na Esplanada do Castelo, Rio de Janeiro. Cerca de 100 mil pessoas compareceram ao ato público, muitas delas carregando a bandeira nacional e faixas em homenagem ao presidente. Duzentos operários da Compa-

nhia Siderúrgica Nacional, uniformizados, levaram um enorme cartaz, com os dizeres: “Volta Redonda, a maior realização do Brasil; Getúlio Vargas, seu idealizador e construtor”. Também com bandeiras, todos os presidentes de sindicatos e federações fizeram uma longa fila em frente ao Palácio do Trabalho.



6 de maio de 1959

FIDEL CHEGA AO BRASIL EM VISITA OFICIAL

O primeiro-ministro de Cuba, Fidel Castro, chega ao Brasil para uma visita oficial de um dia. Segundo o presidente Juscelino Kubitschek, a visita de Castro é parte do esforço de unir os países do continente para articular a Operação Pan-Americana (OPA), destinada a promover o desenvolvimento dos países da região.

Líder do Movimento 26 de Julho, que depôs o ditador Fulgencio Batista em janeiro, Fidel tinha uma dívida de gratidão com o governo brasileiro, que reconheceu oficialmente o novo governo cubano poucos dias depois da vitória da revolução. Durante sua estada, ele cumpriu uma extensa agenda oficial e foi recebido com entusiasmo, sempre cercado por políticos, estudantes e empresários durante sua breve estada.

Encontrou-se com o ministro da Guerra, Henrique Teixeira Lott, compareceu a almoço oferecido por Juscelino e discursou por três horas na Esplanada do Castelo a uma multidão que empunhava bandeiras de Cuba.

No discurso, referiu-se ao Brasil como “irmão maior”, exaltou a Operação Pan-Americana, opinou sobre reforma agrária e justiça revolucionária e criticou a ausência de investimentos norte-americanos na América Latina. Compareceu também à sede da União Nacional dos Estudantes (UNE), onde debateu com cerca de 300 jovens.

À noite, o líder cubano foi o convidado de um jantar com políticos e empresários brasileiros. No evento, foi apresentado ao prefeito de São Paulo, Ademar de Barros, que manifestou seu desagrado com o uso do “pardon” – fuzilamento dos principais dirigentes do antigo regime pelos revolucionários – depois da revolução.

Sem saber da fama do prefeito (“rouba mas faz”), Fidel deixou-o furioso com a resposta: “Estamos fuzilando só os grandes ladrões de dinheiro público!”. Ademar foi embora sob gargalhadas, dizendo que Fidel era um “Jânio Quadros sanguinário”.

1º de Maio de 1962

PARLAMENTARISMO VIRA UM ESTORVO

O presidente João Goulart defende o fim do parlamentarismo, como forma de viabilizar a aprovação imediata das chamadas Reformas de Base – agrária, urbana e bancária. Do alto do palanque erguido em Volta Redonda, no estado do Rio de Janeiro, para as festividades de 1º de maio, Jango conclama a multidão a uma “atitude mais enérgica” em defesa das reformas.

Estava dada a largada para a campanha contra o sistema de governo implantado oito meses antes como saída negociada com os militares para empossar Jango na Presidência, após a renúncia de Jânio Quadros.

A investida de Jango instaurou a crise do regime. No discurso, ele se declarou disposto a recuperar seus plenos poderes presidenciais. Diante dessa posição, o gabinete liderado por Tancredo Neves não teve mais condições de se manter no poder e seria desfeito no dia 26 de junho.

Partiria da área militar o ultimato para antecipação do plebiscito. O marechal Henrique Teixeira Lott, em entrevista, protestaria contra a instabilidade a que o parlamentarismo submetia o país. Em seguida, os ministros militares fariam conjuntamente uma declaração de apoio à antecipação do plebiscito.

Esta seção é fruto da parceria entre o Centro Sérgio Buarque de Holanda, da FPA, o Memorial da Democracia e o Instituto Lula. Envie suas sugestões por e-mail para memoria@fpabramo.org.br ou memorialdademocracia.com.br



2 de maio de 1967

MILITARES ENTRAM NA REPRESSÃO POLÍTICA

É criado o Centro de Informações do Exército (CIE), que seria um dos maiores responsáveis pela repressão, tortura e assassinatos de membros de organizações de esquerda no Brasil. Ligado diretamente ao gabinete do Ministério do Exército, o CIE colaborou para a implantação de centros de tortura em dependências militares e em aparelhos clandestinos de repressão, como a Casa da Morte, em Petrópolis (RJ) – *foto acima* –, a “boate” de Itapevi e a Fazenda 31 de Março, ambas em São Paulo.

Em todos esses locais eram correntes a prática de torturas,

execuções e desaparecimentos de adversários políticos do regime. Pouco tempo depois do CIE, foi criado o Centro de Informações de Segurança da Aeronáutica (Cisa), com os mesmos objetivos. A Marinha tinha o seu Centro de Informações (Cenimar) desde 1957. Nos primeiros anos da ditadura, o Cenimar já atuava na repressão, em parceria com o delegado Sergio Paranhos Fleury, do Dops de São Paulo. Os três centros militares de informações competiam entre si na caçada aos opositores e na brutalidade dos métodos.

Maio de 1967

‘QUARUP’ DESVENDA UM BRASIL PROFUNDO

No romance “Quarup”, Antônio Callado traça um painel social e político do Brasil desde o suicídio de Getúlio Vargas, em 1954, até o primeiro ano da ditadura militar. O romance é um testemunho dos enfrentamentos sociais no país, antes e imediatamente depois do golpe, na perspectiva de Nando, um padre em conflito com suas obrigações religiosas. O convívio com os índios do rio Xingu e a paixão por uma jovem militante dos movimentos do campo conduzem

Nando ao engajamento político, às vésperas do golpe.

O livro percorre o Brasil profundo dos camponeses e indígenas, numa trama que aborda a política institucional, os partidos de esquerda, as ligas camponesas e os sindicatos de trabalhadores rurais. Também denuncia as torturas. Publicado no momento em que muitos jovens se engajavam em organizações revolucionárias, “Quarup” é um livro que marcou aquela geração de brasileiros.

1º de maio de 1968

GOVERNADOR VIRA ALVO EM ATO NA SÉ

A chegada do governador Abreu Sodré à comemoração oficial do Dia do Trabalho foi o estopim para a vaia da multidão, calculada em 20 mil pessoas, reunida na praça da Sé, em São Paulo. Sodré pega o microfone e afirma que a manifestação é uma “prova evidente de que em nosso Estado a democracia respira”. Estudantes e operários reagiram e responderam com palavras de ordem, usando megafones. Jogaram ovos e pedaços de pau contra o palanque das autoridades. O governador foi atingido por uma pedra.

Organizações clandestinas como a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), a Ação Libertadora Nacional (ALN) e a Ação Popular (AP), entre outras, participaram ativamente do protesto, que culminaria com a tomada e a queima do palanque montado em frente à Catedral da Sé. Após o conflito, uma passeata saiu da praça e percorreu as principais ruas do centro.

1º de maio de 1970

OPERÁRIO MORRE EM PRISÃO NO DOPS

O dirigente do Partido Operário Revolucionário Trotskista (Port), Olavo Hansen, é preso enquanto distribuía panfletos, em São Paulo, no Dia do Trabalhador. Levado ao Dops, foi torturado durante cinco dias. Muito ferido, apesar dos protestos de outros presos políticos, não recebeu assistência médica. Foi levado ao Hospital do Exército somente no dia 8 de maio, já em estado de coma. Ele teria se “suicidado”.

1º de Maio de 1979

MORTE DE FLEURY CHEIA DE MISTÉRIO

O delegado da polícia civil de São Paulo Sérgio Paranhos Fleury morre no mar em Ilhabela (SP), onde fazia uma passeio de lancha. Fleury foi um dos mais sanguinários agentes da repressão. Chefiou o Esquadrão da Morte, que assassinava pobres supostamente criminosos, comandou o Dops em São Paulo e atuou na Operação Bandeirante (1969) e no DOI-Codi. Em 1969, preparou a emboscada e assassinou Carlos Marighella. Em 1971, torturou militantes do MR-8 até localizar o refúgio de Carlos Lamarca, assassinado numa emboscada no sertão da Bahia. Fleury era considerado o maior arquivo vivo da repressão, o que gerou suspeitas em torno de sua morte. Não foi realizada autópsia.

1º de maio de 1989

DIREITA FAZ ATAQUE EM VOLTA REDONDA

É inaugurado em Volta Redonda (RJ) um memorial em homenagem aos três metalúrgicos mortos durante a invasão do Exército à Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). Os operários William Fernandes Leite, Valmir Freitas Monteiro e Carlos Augusto Barroso morreram durante a violenta repressão militar aos grevistas que ocupavam a CSN, em novembro do ano anterior. Em 2 de maio, o monumento projetado por Oscar Niemeyer foi destruído por um atentado a bomba. Trinta quilos de explosivos foram usados. O evento foi atribuído à direita.



6 de maio de 1997

VALE É PRIVATIZADA A PREÇO DE BANANA

Às 17h42, o leiloeiro da Bolsa de Valores do Rio, Frederico Runte Jr., bate o martelo, encerrando a venda do controle acionário da maior mineradora de ferro do mundo, a Companhia Vale do Rio Doce, por R\$ 3,3 bilhões.

Adiado por oito dias, devido a liminares concedidas pela Justiça a uma avalanche de ações que pediam a suspensão da venda da estatal, o leilão foi iniciado às 12h11, mas ficou suspenso por cinco horas, tempo necessário para que os advogados do governo e do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), coordenador do programa de privatização, derrubassem as duas últimas medidas liminares que o impediam. Mas bastaram 13 minutos para que fosse dado o último lance.

Venceu o Consórcio Brasil, liderado pelo grupo Vicunha, que cinco anos antes, no governo de Itamar Franco, adquirira a estatal Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). Integravam também o grupo vencedor a Previ e outros fundos de pensão de estatais e fundos de investimentos. Foi der-

rotado o consórcio Valecon, liderado pelo empresário Antonio Ermírio de Moraes, franco favorito na disputa até o último minuto.

Na Praça 15, em frente à Bolsa do Rio, os manifestantes contrários à venda se envolveram em dois episódios de conflito com a polícia. No primeiro, duas pessoas ficaram feridas; no segundo, sete.

Quando, após o leilão, o ministro do Planejamento, Antonio Kandir, simbolicamente bateu novamente o martelo, uma outra liminar já havia suspenso os efeitos do leilão. A venda só foi concretizada quatro dias depois, com a entrega de um cheque de R\$ 3.199.974.496 ao governo pelo presidente da CSN, Benjamin Steinbruch.

O fato foi festejado como o maior resultado desde o início das privatizações. A diferença entre o cheque e o valor total do leilão foi destinado ao pagamento de sócios minoritários. A partir daí, o governo transferia o controle da histórica companhia de capital misto criada em 1942 por Getúlio Vargas para um consórcio liderado pela CSN.



POLÍTICA NO VELHO MUNDO O presidente Lula e a primeira-dama Janja são recebidos pelo rei de Espanha, Felipe IV, e pela rainha Rainha Letizia Ortiz Rocasolano, durante a passagem do líder brasileiro por Madri

“SÓ OS QUE ESTÃO FORA DA GUERRA PODEM PARÁ-LA”

Em entrevista ao espanhol *El País*, o presidente do Brasil mostra preocupação com o conflito no leste europeu, diz que o acordo entre Rússia e Ucrânia é possível e que é hora de promover a paz

A volta do Brasil ao tabuleiro do jogo político internacional continua sendo saudado por líderes políticos. A ida do presidente Luiz Inácio Lula da Silva à Europa na última semana, quando passou por Portugal e Espanha para fechar acordos de cooperação e reabrir as portas do país ao mundo, também serviu para o líder da esquerda reiterar seu compromisso com a construção de um ambiente de paz no concerto das nações.

Na quinta-feira, 27, na esteira da repercussão de sua passagem por Lisboa e Madri, onde se reuniu com os chefes de Estado e de governo de Portugal, Marcelo de Sousa e António Costa, além do primeiro-ministro Pedro Sánchez e do rei de Espanha, Felipe IV, Lula surgiu na capa do jornal espanhol *El País* defendendo que as nações ajudem a promover a paz entre Rússia e Ucrânia, envolvidas num conflito bélico que já promoveu milhares de baixas e arrastou o mundo para uma crise social há

mais de um ano.

Desde fevereiro, quando viajou aos Estados Unidos para uma reunião com o presidente Joe Biden, Lula manifestou seu plano de montar um clube de países neutros que possam articular o fim da guerra. “Só quem está de fora pode ajudar a construir uma engenharia capaz de frear essa guerra”, disse. “Esta guerra não deveria ter começado. E começou porque não havia capacidade de diálogo entre os líderes mundiais há muito tempo”.

Ele ressaltou que a violação territorial por tropas russas é grave. “O Brasil condena a guerra porque a Rússia não tem o direito de invadir o território ucraniano. Então os russos estão errados. Ou você alimenta a guerra ou tenta acabar com ela. Para mim é mais interessante falar sobre acabar com esta guerra”, ressalta.

“E ninguém fala de paz, só eu. Fui falar com Joe Biden, com Olaf Scholz [primeiro-ministro da Alemanha], com Xi Jinping [presidente da China], com Emmanuel Macron [presidente da França]. É preciso se encontrar para acabar com esse conflito. E isso só pode ser feito se dois negociarem em uma mesa. É o que eu defendo”, disse o presidente brasileiro. O El País resalta que Lula está promovendo uma nova política global e que, por isso, deve ser ouvido pela comunidade internacional.

Ele declarou que a guerra está ligada a “interesses eleitorais”. “Putin acredita que tem razão, e Volodymyr Zelensky, invadido, tem o direito de se defender. Então, quem vai acabar com a guerra? Preocupa-me que esta guerra esteja ligada a interesses político-eleitorais. Isso já aconteceu outras vezes no mundo e não acho justo que haja uma guerra sem que ninguém construa a paz. Vou tentar fazer isso”, insiste o líder da esquerda. A entrevista de Lula foi conduzida pela diretora do jornal, Pepa Bueno.

Lula foi saudado pelo prestigioso jornal madrileno, que destaca o esforço do presidente para retomar o lugar do Brasil no mundo. Segundo o jornal, Lula encarna esse retorno disposto a nada menos do que liderar a busca pela paz na guerra que sangrou a Ucrânia desde que Vladimir Putin decidiu invadi-la, com repercussão no mundo todo. “Lula fala impetuosamente, mas busca com cuidado palavras que não estraguem suas chances de mediador. Ambiguidades e equilíbrios que causaram irritação em algumas chancelarias

nas últimas semanas”, aponta.

Na entrevista, o presidente brasileiro alerta para o crescimento da extrema-direita em todo o mundo e estabelece como objetivo de seu terceiro mandato à frente do maior país da América do Sul a geração de emprego de

qualidade e uma nova relação entre capital e trabalho. Ele também se diz empenhado em reduzir o desmatamento e aponta que, ao final de seu mandato, os dados de desmatamento na Amazônia terão melhorado.

Lula disse que a democracia corre riscos, não apenas no Brasil, mas no resto do planeta: “Devemos salvar a democracia em todo o mundo, porque também existe a extrema direita na Espanha, em Portugal, na França, na Alemanha... A Espanha sabe o que é o autoritarismo”. •



CELSO AMORIM VAI A KIEV

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva anunciou na quarta-feira, 26, que enviará o assessor especial da Presidência e ex-chanceler Celso Amorim para um encontro com o presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky.

Amorim esteve na Rússia no início do mês e se reuniu com o presidente Vladimir Putin, dias antes de o chanceler russo, Sergei Lavrov, vir ao Brasil e ser recebido pelo próprio Lula.

A viagem de Amorim, que ainda não tem data marcada, deve servir para ajudar o Brasil a retomar a posição de neutralidade em relação à guerra na Ucrânia.

Na primeira visita à Europa em seu terceiro mandato, o chefe do Executivo brasileiro acabou ajustando o tom de posicionamentos que havia assumido sobre o confronto, provocando reação negativa da União Europeia e dos Estados Unidos.

Em viagem a China e Emirados Árabes Unidos, Lula declarou que Rússia e Ucrânia eram responsáveis pela guerra, e que americanos e europeus não vinham colaborando para o fim do conflito.

Cumprindo agenda em Madri e Lisboa, desde o dia 22, o Lula reconheceu a “agressão à integridade territorial” à Ucrânia e insistiu que o Brasil é neutro em relação ao conflito, mas que age para buscar a paz.

“Estamos negociando para chegar aos dois (Rússia e Ucrânia) e tentar parar a guerra. Só eu falo em paz e procuro um grupo de pessoas dispostas a parar a guerra”, afirmou. •



Olimpio

CHINA QUER NEGOCIAR A PAZ

Xi Jinping tenta fazer Volodymyr Zelensky sentar-se à mesa para negociar com Vladimir Putin. Uma chamada telefônica marcou a primeira conversa entre os dois presidentes desde a invasão da Ucrânia no ano passado pelas tropas russas

A pesar das críticas do ocidente e da hostilidade da Casa Branca, a China está se movendo para tentar restabelecer a paz no Leste Europeu e fazer com que Rússia e Ucrânia sentem à mesa para negociar. Na quarta-feira, 26, o presidente chinês, Xi Jinping, instou o colega ucraniano, Volodymyr Zelensky, a negociar com Moscou, na primeira conversa entre os líderes desde a invasão da Ucrânia por tropas russas, no ano passado.

Em um telefonema de quase uma hora que o presidente da Ucrânia descreveu como “longo e significativo”, Xi disse a Zelensky que enviaria um representante especial para conversar com “todas as partes” e buscar

um “acordo político” para a guerra. “O diálogo e a negociação são o único caminho a seguir”, disse Xi Jinping.

O gabinete ucraniano não fez qualquer referência entre Kiev e Moscou. Em vez disso, o governo ucraniano “expressou esperança na participação ativa da China nos esforços para restaurar a paz”. A Ucrânia rejeitou um “plano de paz” apresentado pela China em fevereiro passado porque não estipulava a restauração de sua integridade territorial e a retirada das forças russas do território ocupado.

Mas Zelensky há muito busca uma conversa com Xi para promover a causa da Ucrânia e persuadir o líder da China a exercer pressão sobre o presidente Vladimir Putin. Zelensky insistiu que

“não pode haver paz à custa de compromissos territoriais”, deixando clara sua recusa em trocar terras ucranianas pela paz. Mas os apelos da Rússia para que os EUA mantivessem o compromisso de manter os países da antiga União Soviética fora da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) também não foram ouvidos.

Os líderes europeus também se mostraram céticos em relação à iniciativa de paz de Pequim, enquanto os Estados Unidos e a União Europeia alertaram a China para não armar a Rússia. O *Financial Times* destaca que “funcionários e analistas sugeriram que Xi poderia ter feito o tão esperado apelo para reparar as relações com os líderes da UE enfurecidos por comentários feitos no fim de semana passado pelo embai-

xador da China na França, que sugeriu que os ex-estados soviéticos não gozavam de plena soberania". Mais tarde, Pequim voltou atrás nas observações.

Um alto funcionário da UE disse que a China quer "ser considerada um jogador e não descartada como estando do lado da Rússia". O funcionário acrescentou: "Eles querem voltar ao jogo e ser vistos como uma parte do projeto [de paz]". Nenhuma menção também para o esforço diplomático da China de reduzir a expansão desenfreada dos interesses dos EUA na Ásia.

Xi disse a Zelensky em uma aparente crítica aos EUA: "Como membro permanente do Conselho de Segurança da ONU e um grande país responsável, a China não ficaria de braços cruzados, nem colocaria óleo no fogo, muito menos exploraria a situação para obter ganhos para si mesma". Em poucas palavras, Pequim não vai fazer o que Washington faz desde sempre.

No Twitter, Zelensky disse que o telefonema daria "poderoso impulso ao desenvolvimento de nossas relações bilaterais", observando que "antes da invasão russa em grande escala, a China era o parceiro comercial número um da Ucrânia".

Mas acrescentou: "Qualquer apoio – mesmo parcial – é convertido pela Rússia na continuação de sua agressão, em sua rejeição adicional à paz. Quanto menos apoio a Rússia receber, mais cedo a guerra terminará e

a paz retornará às relações internacionais". O presidente da Ucrânia reiterou o convite a Xi para visitar Kiev.

John Kirby, porta-voz do Conselho de Segurança Nacional da Casa Branca, disse que os EUA não sabiam da convocação com antecedência, acrescentando que "se vai haver uma paz negociada, tem que ser quando o presidente Zelensky estiver pronto para isso".

Mas ele disse que era uma "coisa boa" que Xi e Zelensky tivessem falado porque Washington estava pressionando os chineses por uma

ligação e que Pequim ouvisse a "perspectiva ucraniana" sobre o conflito.

A proposta de 12 pontos da China para acabar com a guerra, que Xi discutiu com Putin no mês passado durante uma visita de Estado a Moscou, pede aos lados em conflito que retomem as negociações de paz e respeitem a soberania nacional.

Mas falta qualquer menção à Rússia

retirar suas tropas do território ucraniano. Kiev e seus apoiadores ocidentais dizem que isso deve ocorrer antes que qualquer negociação com Moscou possa começar.

O secretário de Estado dos EUA, Antony Blinken, disse a um comitê do Senado no Capitólio em março que qualquer cessar-fogo sem a retirada das tropas russas "estaria efetivamente apoiando a ratificação da conquista russa". •

**"NA CRISE DA
UCRÂNIA, A CHINA
SEMPRE ESTÁ
DO LADO DA PAZ,
E A POSIÇÃO
CENTRAL DA CHINA
É PROMOVER A
PAZ POR MEIO DE
NEGOCIAÇÕES"**

PAPA SE ENCONTRA COM O PRIMEIRO- MINISTRO DA UCRÂNIA

O papa Francisco discutiu os esforços de paz na Ucrânia com o primeiro-ministro do país, Denys Shmyhal, durante uma audiência privada no Vaticano na última quinta-feira, 27, a primeira reunião conhecida desde que a Rússia lançou sua invasão em grande escala ao território ucraniano, há um ano.

Após a reunião, Shmyhal disse a repórteres que havia novamente feito um convite ao pontífice para viajar à Ucrânia, uma visita que as autoridades ucranianas vêm pedindo. Francisco já declarou que sua ida a Kiev só acontecerá quando também puder ir à Rússia.

A relação entre a Ucrânia e Francisco, que há muito pede paz e condena o que chamou de atos bárbaros de guerra, foi conturbada nos primeiros meses do conflito. Líderes ucranianos criticaram sua postura como neutra, embora o papa tenha aumentado suas críticas a Moscou e se reunido com representantes do governo ucraniano várias vezes.

O Vaticano chamou as discussões na quinta-feira de "cordiais" e listou questões humanitárias entre os tópicos abordados. Shmyhal disse que ele e o papa discutiram que "assistência de Sua Santidade e do Vaticano" poderia ser oferecida para ajudar a alcançar a paz. O primeiro-ministro também pediu ajuda ao papa para "devolver para casa as crianças ucranianas" que foram deportadas para a Rússia.

A Ucrânia diz que cerca de 16 mil crianças foram transferidas à força para territórios controlados pela Rússia. A Rússia diz que se tratava de projeto humanitário. •



O SONHO DA REELEIÇÃO

Biden anuncia que vai concorrer novamente à Casa Branca em 2024, enquanto a esquerda do Partido Democrata vê Bernie Sanders desistir da disputa. Trump ou Santis devem ser os adversários da máquina democrata que sonha em unir a América, mais dividida politicamente do que nunca nessas últimas duas décadas

O Partido Democrata vai tentar de novo se manter no poder colocando na disputa pela reeleição o presidente Joe Biden, que anunciou formalmente na terça-feira, 25, que vai concorrer novamente à Casa Branca. Ele pediu mais tempo para “terminar este trabalho” e estender o mandato do presidente mais velho da América por mais quatro anos. Mas, o mais impressionante, é que Biden terá o apoio da ala esquerda do partido. O que não é pouca coisa numa eventual guerra contra Donald Trump ou o governador da Flórida, Ron de Santis.

Os democratas estarão juntos pela primeira vez em muitos anos. O senador do Vermont, Bernie Sanders, que disputou a candidatura oficial do partido em 2016 e 2020, anunciou que não repetirá o gesto e cerrou fileiras com Biden. “A última coisa de que este país precisa é de Donald Trump ou de outro demagogo de extrema-direita a tentar sabotar a democracia americana, ou a retirar às mulheres o direito de escolha, ou a não responder à crise da violência armada, ou ao racismo, sexismo ou homofobia”, disse.

Biden, que terá 86 anos ao final de um segundo mandato, está apostando que suas conquistas legislativas à frente do mais poderoso gabinete do mundo – e mais de 50 anos de experiência em Washington – contarão mais do que preocupações com sua idade. Ele enfren-

ta um caminho tranquilo para obter a indicação de seu partido, sem adversários à altura do desafio do pretendente. Biden se diz pronto para uma encarar o duro desafio de comandar por mais quatro anos uma nação amargamente dividida e que dá sinais de perda de hegemonia.

Saudado aos gritos de “Let's Go, Joe” por uma multidão barulhenta de sindicalistas da construção civil – base importante de apoio democrata – Biden exibiu as dezenas de milhares de empregos na construção criados desde que assumiu o cargo, apoiados pela legislação que sancionou. “Nós – vocês e eu – juntos estamos mudando as coisas e estamos fazendo isso em grande estilo”, disse. “É hora de terminar o trabalho”.

O anúncio da campanha de Biden, em um vídeo de três minutos, ocorre no aniversário de quatro anos de quando ele se declarou candidato à Casa Branca em 2019, prometendo curar a “alma da Nação” em meio à turbulenta Presidência de Donald Trump – objetivo que permaneceu indefinido. “Eu disse que estamos em uma batalha pela alma da América, e ainda estamos”, disse o agora o presidente. “A questão que enfrentamos é se nos próximos anos teremos mais liberdade ou menos liberdade. Mais direitos ou menos”.

Embora a perspectiva de buscar a reeleição seja um dado adquirido para a maioria dos presidentes modernos, esse

nem sempre foi o caso de Biden. Uma faixa notável de eleitores democratas indicou que preferiria que ele não concorresse, em parte por causa de sua idade. Biden chamou essas preocupações de “totalmente legítimas”, mas não abordou o assunto no vídeo de lançamento de sua campanha presidencial.

No entanto, poucas coisas unificam os eleitores democratas como a perspectiva de Trump voltar ao poder. E a posição política de Biden dentro do partido se estabilizou depois que os democratas obtiveram um desempenho mais forte do que o esperado nas eleições de meio de mandato, no ano passado. O presidente deve concorrer novamente com os mesmos temas que animaram seu partido no outono de 2022, particularmente a preservação do acesso ao aborto.

“Liberdade. A liberdade pessoal é fundamental para quem somos como americanos. Não há nada mais importante. Nada mais sagrado”, disse Biden no vídeo, retratando extremistas republicanos tentando reverter o acesso das mulheres ao aborto, as promessas de cortes na Previdência Social, a tentativa de limitar os direitos de voto e a proibição de livros dos quais discordam. “Em todo o país, os extremistas do MAGA (Make America Great Again, o lema da campanha de Donald Trump) estão fazendo fila para tirar essas liberdades fundamentais”.

À medida que os contornos da campanha começam a tomar forma, Biden planeja concorrer mostrando seus feitos. Ele passou seus primeiros dois anos como presidente combatendo a pandemia de coronavírus e promovendo projetos de lei importantes, como o pacote bipartidário de infraestrutura e legislação para promover a manufatura de alta tecnologia e medidas climáticas. Vitórias que representaram uma mudança política no coração do establishment político, sempre disposto a manter o corte liberal na economia, fazendo concessões aos pobres. Biden está longe de ter cumprido o que prometeu.

O presidente também tem vários objetivos políticos e promessas não cumpridas de sua primeira campanha que está pedindo aos eleitores que lhe dêem outra chance de cumprir. “Vamos terminar este trabalho. Eu sei que podemos”, disse Biden, repetindo o mantra que soltou ao fazer o seu discurso sobre o Estado da União em fevereiro.

A vice-presidente Kamala Harris, que apareceu com destaque ao lado de Biden no vídeo, realizou um comício político na Howard University em Washington na noite de terça-feira em apoio ao acesso ao aborto, iniciando seus próprios esforços para apoiar o esforço de reeleição. “Estou orgulhosa de concorrer à reeleição com o presidente Joe Biden”, disse. “Nossas liberdades duramente conquistadas estão sob ataque. E este é um momento para nós ficarmos de pé e lutarmos”.

Neste início de campanha, Biden também planeja tratar de suas realizações à frente da Casa Branca nos últimos dois anos, fortalecendo alianças americanas, liderando uma coalizão global para apoiar as defesas da Ucrânia contra a invasão russa e devolvendo os EUA ao acordo

Doug Mills/NT



ESFORÇO Aos 80 anos de idade, o presidente Joe Biden quer mais quatro anos de mandato para mostrar que fez a diferença após os anos Trump

climático de Paris. Mas o apoio público nos EUA à Ucrânia diminuiu nos últimos meses, e alguns eleitores questionam as dezenas de bilhões de dólares em assistência militar e econômica fluindo para Kiev.

O presidente também enfrenta críticas persistentes sobre a caótica retirada de seu governo do Afeganistão em 2021, após quase 20 anos de guerra. Isso minou a imagem de competência que

pretendia retratar, e o tornou alvo de ataques do Partido Republicano por causa da imigração e políticas econômicas.

Muitos democratas preferiam que Biden não concorresse novamente. Uma pesquisa recente da Associated Press-NORC Center for Public Affairs Research indica que apenas 47% dos democratas dizem que querem que ele busque um segundo mandato, contra 37% em fevereiro. E os tropeços verbais – e ocasionalmente também os físicos – de Biden alimentam os críticos que tentam considerá-lo inadequado para o cargo.

Correligionários democratas reconhecem que, embora alguns no partido possam preferir uma alternativa a Biden, há tudo menos consenso dentro da coalizão diversificada sobre quem pode ser. E há quem insista que, quando Biden for comparado com quem quer que o Partido Republicano venha a indicar, democratas e independentes se unirão em torno do atual presidente.

Por enquanto, Trump, de 76 anos, é o favorito para emergir como candidato republicano, criando o potencial de uma sequência histórica para a dura campanha de 2020. Mas Trump também enfrenta obstáculos

**BIDEN: “NÓS –
VOCÊS E EU –
ESTAMOS JUNTOS
MUDANDO AS
COISAS E FAZENDO
ISSO EM GRANDE
ESTILO. É HORA
DE TERMINAR O
TRABALHO”**



Todd Heisler/NYT

TRUMP ACUSADO DE ESTUPRO

Ex-presidente dos Estados Unidos, Donald Trump enfrenta muitos processos na Justiça. É acusado de fraude contábil e, na última terça-feira, 25, começou a ser julgado por estupro da escritora e jornalista E. Jean Carroll. Ela acusa o empresário de tê-la agredido sexualmente em uma loja de departamento nos anos 1990. A advogada Shawn G. Crowley afirma que o julgamento é a chance de Carroll de limpar seu nome e buscar justiça.

No tribunal, Crowley deu mais detalhes sobre o encontro de Carroll com Trump na loja de departamentos Bergdorf Goodman, em Manhattan. Segundo Carroll, de 79 anos, o estupro aconteceu logo depois que Trump lhe pediu opinião para comprar uma lingerie de presente. “No momento em que eles entraram (no vestiário) tudo mudou. De repente, deixou de ser divertido. Trump era quase duas vezes maior do que ela”, afirmou.

Quando a escritora levou a história a público, o então presidente respondeu que não a conhecia, que ela nem “era seu tipo”, e chamou tudo de “mentira total”. Inicialmente, Carroll processou Trump por difamação em 2019, mas não pôde incluir a acusação de estupro porque já havia expirado o prazo para apresentá-la.

Em 24 de novembro de 2022, nova lei entrou em vigor em Nova York, a “Adult Survivors Act”, que permite, durante um ano, que vítimas de ataques sexuais apresentem ações na esfera civil. Os advogados de Carroll apresentaram, então, uma nova ação. •

REJEIÇÃO O empresário Donald Trump já se movimenta para ocupar a indicação pelo Partido Republicano, mas está com problemas na Justiça

significativos, incluindo o fato histórico de ser o primeiro ex-presidente a enfrentar acusações criminais.

O campo republicano restante é volátil, com o governador DeSantis emergindo como alternativa inicial a Trump. A estatura do adversário republicano também está em questão, no entanto, em meio a questões sobre sua prontidão para fazer campanha fora da Flórida.

Para prevalecer novamente, Biden precisará da aliança de jovens eleitores e eleitores negros – principalmente mulheres – junto com operários do meio-oeste, moderados e republicanos insatisfeitos que o ajudaram a vencer em 2020. Ele terá que carregar novamente o chamado “muro azul” no meio oeste, enquanto protegia sua posição na Geórgia e no Arizona, redutos de longa data do Partido Republicano que Biden venceu por pouco na última vez.

A candidatura à reeleição de Biden ocorre em um momento em que o país enfrenta incertezas econômicas. A inflação está diminuindo depois de atingir a taxa mais alta em uma geração, mas o desemprego está no nível mais baixo em 50 anos e a economia está mostrando sinais de

resiliência, apesar dos aumentos nas taxas de juros do Federal Reserve.

“Se os eleitores deixarem Biden ‘terminar o trabalho’, a inflação continuará disparando, as taxas de criminalidade aumentarão, mais fentanil cruzará nossas fronteiras abertas, as crianças continuarão sendo deixadas para trás e as famílias americanas ficarão em pior situação”, diz a presidente do Comitê Nacional Republicano, Ronna McDaniel.

Os presidentes normalmente tentam atrasar seus anúncios de reeleição para manter as vantagens do cargo e patinar acima da briga política pelo maior tempo possível, enquanto seus rivais trocam golpes. Mas a vantagem oferecida por estar na Casa Branca pode ser frágil – três dos últimos sete presidentes perderam a reeleição, mais recentemente Trump em 2020.

O anúncio de Biden é mais ou menos consistente com o cronograma seguido pelo então presidente Barack Obama, que esperou até abril de 2011 para se declarar para um segundo mandato e não realizou um comício de reeleição até maio de 2012. Trump lançou sua candidatura à reeleição no dia em que foi empossado em 2017. •



RECONHECIMENTO O multiartista Chico Buarque recebe o Prêmio Camões das mãos dos presidentes Lula e Marcelo Sousa, além do primeiro-ministro de Portugal António Costa e da ministra Margareth Menezes

CHICO, PATRIMÔNIO CULTURAL

Entrega do Prêmio Camões ao cantor, compositor e escritor brasileiro Chico Buarque em Portugal corrige demora de quatro anos e vira espetáculo pela democracia nas redes

Bia Abramo

Na segunda-feira, dia 24, Lula faria sua primeira visita oficial como presidente do Brasil à Portugal. Um momento solene e importante para a relação dos dois países, tanto em termos da diplomacia brasileira, como dos laços culturais que unem o país colonizador e a nação colonizada. Além disso, no bojo da retomada do protagonismo do Brasil na geopolítica internacional des-

de que Lula foi eleito, havia também a expectativa de que a visita também avançasse nas conversações de paz relativas à Guerra da Ucrânia.

Quem ganharia as manchetes, os memes e o buzz nas redes sociais, ou seja, as atenções no Brasil e em parte do mundo, no entanto, foram a graça, o discurso e a comoção do compositor e escritor Chico Buarque, quando, finalmente, recebeu o prêmio Camões das mãos de Luiz Inácio Lula da Silva e do presidente Rebelo de Sousa. A entrega teve

sabor de desagravo e reparação – e óbvia simbologia política.

O Prêmio Camões foi criado em 1988 para incentivar e estimular a circulação da literatura lusófona, isto é, de todos os países em que se fala português, além de Brasil e Portugal, Angola, Cabo Verde, Moçambique, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste. Premia anualmente autor ou autora cujo conjunto da obra tenha contribuído para o enriquecimento do patrimônio literário e cultural do idioma. Os governos

do Brasil e Portugal dividem o valor do prêmio em dinheiro e, por isso, o diploma precisa ser assinado pelos chefes de Estado dos dois países.

Em 2019, Jair Bolsonaro, em sua infinita soberba e ignorância, se recusou a assinar a documentação – e assim permaneceu durante quatro anos de seu mandato. A recusa embolou a entrega dos prêmios nos anos seguintes para o português Vitor Manuel de Aguiar e Silva, a moçambicana Paulina Chiziane e o brasileiro Silviano Santiago. O ensaísta Aguiar e Silva, inclusive, morreu em 2022 sem receber a honraria.

Na cerimônia de entrega, em Sintra, Lula, que falou antes que o artista, afirmou que o prêmio corrigia “um dos maiores absurdos da cultura brasileira dos últimos tempos”. Disse o presidente: “O ataque à cultura em todas as suas formas foi uma dimensão do projeto que a extrema direita tentou implementar no Brasil. Se hoje estamos aqui para fazer essa espécie de celebração e reparação da obra do Chico é porque finalmente a democracia venceu no Brasil”.

Diante de Lula e do presidente de Portugal, do primeiro-ministro António Costa, dos ministros da Cultura dos dois países, Margareth Menezes e Pedro Adão e Silva, e do presidente do júri, o escritor português Manuel Frias Martins, um Chico de voz embarcada começou a ler o discurso, mas não sem antes ironizar a demora: “Conforta-me lembrar que o ex-presidente teve a rara fineza de não sujar o diploma do meu Prêmio Camões, deixando espaço para a assinatura do nosso presidente Lula.”

Chico, claro, tinha razão em preferir Lula ao fascista. Apoiador de Lula desde a primeira eleição presidencial, em 1989, companheiro de peladas históricas, ambos representam o

estado da arte de uma certa história do Brasil, cada um em seu campo de conhecimento. Além disso, a ligação da família Buarque de Hollanda com o Partido dos Trabalhadores remonta ainda à geração anterior. Seu pai, o historiador Sérgio Buarque de Hollanda foi fundador do PT.

“Meu pai também contribuiu para a minha formação política, ele que durante a ditadura do Estado Novo militou na Esquerda Democrática, futuro Partido Socialista Brasileiro”, lembrou o

“CONFORTA-ME LEMBRAR QUE O EX- PRESIDENTE TEVE A RARA FINEZA DE NÃO SUJAR O DIPLOMA DO CAMÕES, DEIXANDO O ESPAÇO AO PRESIDENTE LULA”

artista laureado com o Camões. “No fim dos anos 1960, retirou-se da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo em solidariedade a colegas cassados pela ditadura militar. Mais para o fim da vida, participou da fundação do Partido dos Trabalhadores, sem chegar a ver a restauração democrática no nosso país, nem muito menos pressupor que um dia cairíamos num fosso sob muitos aspectos mais profundo”.

Relembrando sua carreira como escritor à qual se dedica-

ria com seriedade à beira dos 50 anos, quando teve “Estorvo”, seu primeiro romance publicado em 1991, Chico reforçou seu compromisso com a língua e a literatura portuguesa, na literatura ou na artesanaria da música. “Escrevi um primeiro romance, ‘Estorvo’, em 1990, e publicá-lo foi para mim como me arriscar novamente no escritório do meu pai em busca de sua aprovação. Conteí dessa vez com padrinhos como Rubem Fonseca, Raduan Nassar e José Saramago, hoje meus colegas de prêmio Camões”, disse.

“Por mais que eu leia e fale de literatura, por mais que eu publique romances e contos, por mais que eu receba prêmios literários, faço gosto em ser reconhecido no Brasil como compositor popular e, em Portugal, como o gajo que um dia pediu que lhe mandassem um cravo e um cheirinho de alecrim”, fazendo uma referência simpática à letra de “Tanto Mar”, canção de 1975 que celebra a Revolução dos Cravos comemorada em 25 de abril.

Ecoando a fala de Lula, que precedeu seu discurso de agradecimento, Chico concluiu: “Recebo este prêmio menos como uma honraria pessoal, e mais como um desagravo a tantos autores e artistas brasileiros humilhados e ofendidos nesses últimos anos de estupidez e obscurantismo”. Arrancou aplausos gerais.

Naquela tarde iluminada e nas subsequentes, a proverbial timidez de Chico Buarque aliada à firmeza política de suas palavras teriam o poder de lembrar à todos que o Brasil que voltou é, como afirmou Lula em sua fala, aquele país no qual brilham “os amores de nosso povo, as alegrias de nossos carnavais, as belezas de nossos fados e sambas, as lutas obstinadas de nossas cidadãs e cidadãos pela conquista da liberdade e da democracia” em vez do poço escuro do fascismo. •

AS MUITAS VIDAS DE MARCO NANINI

O ator, produtor e diretor ganha uma biografia que rememora as seis décadas de sua carreira artística. “O avesso do bordado” também recupera a história recente da dramaturgia brasileira

Guto Alves

Quando eu pisei num palco, botei a roupa, decorei o texto, e então contracenei com outra pessoa; eu tive uma emoção definitiva”. A frase é do ator Marco Nanini, que aos 74 anos celebra seis décadas de carreira. Pernambucano de Recife, os muitos personagens, vivos e mortos, que já tiveram vez no corpo de Nanini são celebrados por ele com o lançamento de uma biografia, resultado de pesquisa e infindáveis horas de entrevistas com mais de cem pessoas. “O avesso do bordado – uma biografia de Marco Nani-

ni” (Cia. das Letras) foi escrita e organizada pela jornalista Mariana Figueiras.

Não é monótono o texto, como não é monótona a vida de Nanini, um ator que passa pela história da dramaturgia brasileira nos palcos, nos cinemas e na televisão. Ele encontrou no humor a verve para dar vida a tipos brasileiríssimos e outros nem tanto – de cangaceiro a Rei Ubu, passando por Irma Vap e Lineu Silva.

Em sua trajetória, viajou entre personagens do teatro político ao besteirol. Criou o próprio teatro, o Galpão Gamboa, o Reduto. Manteve a vida privada no privado, sem nunca deixar de vivê-la com o máximo de in-

tensidade. No livro de Mariana, encontramos algumas de suas tramas mais íntimas que nos apresentam a um personagem que não conhecemos, apesar dos tantos nomes que ele popularizou ao emprestar corpo e voz. Se são muitos os rostos marcantes com a mesma cara, são outros tantos aqueles que ficaram guardados na memória dos espectadores: um eterno “qualquer um” dos palcos.

Ao esmiuçar tantas décadas de carreira, é impossível à autora não revisitar a própria história da dramaturgia nacional. O livro se transforma, para além da biografia de Nanini, numa deliciosa prosa, daquelas leituras que pedem um café, algo pra acompa-

Divulgação

nhar. Às vezes, é possível escutar as histórias com as nuances do personagem narrado, ouvir suas risadas ou sua sisudez, que fica evidente no texto.

Bem-humorado, pau pra toda obra, operário da arte, devoto dos palcos, são infindáveis os títulos que se podem atribuir ao ator, mas o Marco Nanini que conhecemos agora é também rígido, com o que diríamos de “personalidade forte”. Não é de muitos amigos, mas esbanja generosidade ao produzir, incentivar e impulsionar a carreira de muitos colegas.

Foi ao lado de um grande amigo, inclusive, que fez história com a peça “O Mistério de Irma Vap”, que estreou em 1986. Está registrado no Guinness Book, o livro dos recordes, que Nanini e Ney Latorraca estrelaram a peça que manteve o mesmo elenco por mais tempo em cartaz: 11 anos consecutivos. “Irma Vap” era mais uma do gênero besteirol ao qual Nanini concedia genialidade na interpretação, uma sátira que marcou o teatro brasileiro, dirigida por ninguém menos que Marília Pêra, com quem o ator rompeu após uma confusão nos bastidores.

O episódio remonta ao que Nanini chamou de golpe. No final de 1989, o ator descobriu alguns nódulos nas cordas vocais após realizar alguns exames, o que era um grande problema: em “Irma Vap”, ele e Ney se revezavam dando vida a oito personagens diferentes, sendo o mais marcante do sexo feminino, a hilária Lady Enid, que tinha em sua composição uma voz esganiçada.

Pausaram a peça, mas Marília, preocupada em perder o auge da produção, ligou para Ney Latorraca com o plano de ensaiar Lady Enid para substituir Nanini sem que ele soubesse. Seria uma homenagem, conta o ator.



SUCESSO Com o amigo Ney Latorraca, encenou “O Mistério de Irma Vap”, peça do besteirol que ficou nada menos do que 11 anos em cartaz

Ney imediatamente ligou para Nanini e contou o plano, o que o revoltou. A grande sociedade da peça de sucesso acabava ali.

A briga foi tamanha que Ney – com quem Marília ficou possessa por ter “estragado a surpresa” – pegou um avião e sumiu de férias por causa da fofoca. Decidiram encerrar a sociedade. Nanini e Marília nunca mais se falaram. Sem Marília, “Irma Vap” seguiu por sete anos. Para Nanini, quando ficou grande demais, era hora de parar. Quando se viu no antigo Metropolitan, espaço para 4 mil pessoas, percebeu que eram “dois chopes no palco”. Descansaram o mistério.

Mesmo se desdobrando em personagens, como no caso de “Irma Vap”, Nanini não descansava do cinema ou da televisão. Nunca deixou de percorrer histórias, biografias e telenovelas. O texto de Mariana é delicado ao contrastar para o leitor, o tempo todo, uma vida dedicada ao trabalho, com os personagens que tanto conhecemos, e a vida particular do ator. Quem diria, por exemplo, que Nanini mantinha, nas duas casas em que se dividia, no Rio e em São Paulo, um console de vídeo game, e que

era viciado no cartucho de Revenge of The Gator e um Game Boy, para jogar Mario Bros durante os deslocamentos?

Na correria, quem o ajudava com tudo era Oswaldina Motta, tia da atriz Zezé Motta, que os apresentou. De cozinheira, passou a assumir outras tarefas de organização na casa de Nanini e acabou trabalhando com ele por 30 anos. Quando se aposentou, ganhou do ator uma viagem para a Europa e um apartamento de presente. Oswaldina fez um pedido: em vez do apartamento, uma casa de repouso, e até hoje Nanini a sustenta na melhor casa de repouso do Rio, com acompanhante exclusiva.

Com a ajuda de Oswaldina, o furacão Nanini podia se dividir em quantos fossem necessário. Estrelou novelas, humorísticos, cinema. Até mesmo suas malas eram preparadas por Oswaldina. Com tanto agito, Nanini mantinha sempre uma mala pronta e cópias de seus documentos preparados.

O pai era gerente de hotéis de luxo e dado a isso, Nanini herdou o tipo nômade. Passou por muitas capitais brasileiras, vivendo em ótimos recintos, conhecendo personalidades como JK, atrizes,

a quem pedia autógrafos, que guarda até hoje. Fixou residência com a família no Rio. E foi nesta cidade que começou então a carreira, ao lado do ator Pedro Paulo Rangel, morto em dezembro de 2022, num grupo de teatro amador em Botafogo, na igreja Teresinha do Menino Jesus.

Nanini vive em união estável com o produtor Fernando Libonati há 36 anos – de quem é sócio e parceiro de trabalho. Quando reafirmou a sexualidade, vivia o auge do personagem Lineu Silva, o patriarca de “A Grande Família”, um senhor austero, fiscal da vigilância sanitária, de tradicional família brasileira. É discreta também sua posição política, mas incessável sua luta. Tanto como ator e produtor, que mantém um teatro e um espaço cultural abertos no Rio, como crítico e militante de um país mais justo.

A sutileza do texto é notada em detalhes apontados pelo próprio autor. Seu nome é sequer citado em todas as páginas, porque são muitas as histórias que conta e sua vida encontra. E são muitas as histórias, curiosidades e outras pessoas que passam pela rica trajetória de Nanini, que segue escrevendo páginas e trabalhando.

Segundo o ator, era hora de ler a própria história. O convite para o texto partiu dele, que convidou Mariana para que o escrevesse. Não fica de lado, é claro, o tamanho de quem se retrata: são mais de cem produções ao longo de toda a carreira.

“O avesso do bordado” nos dá a dimensão que, se há para nós espectadores um Nanini a cada personagem, também nele residem vários. Para o ator, esse é o fascínio: saber ser muitos e saber sê-lo em casa, com uma conta fake no Instagram para ver vídeos de bichos e crianças em paz, sem seguidores. •

Joyce Kim/NT



ESTREIA PROMISSORA O jovem Nana Kwame Adjei-Brenyah estreou em 2018 nos Estados Unidos pintando um retrato sombrio dos EUA

EXPONDO A FERIDA DA VIOLÊNCIA RACIAL NA AMÉRICA

O livro de contos que marcou a estreia de Nana Kwame Adjei-Brenyah na ficção finalmente é lançado no Brasil. O jovem autor parte da situação do absurdo para fazer literatura política contundente

Bia Abramo

Eu estava na faculdade quando Trayvon Martin foi assassinado. Criei um panfleto anônimo, uma resposta artística à atrocidade. Sua morte mereceu nossa indignação. Tarde da noite, espalhei 500 cópias do panfleto pelo campus. Fui para a cama esperando inquietude, um reavivamento, uma conversa, qualquer coisa. Quando me levantei mais tarde naquele dia, nada aconteceu. (...) Anos depois, escreven-

do ‘The Finkelstein 5’, a história que agora abre meu primeiro livro, ‘Friday Black’, tentei traduzir as maneiras pelas quais o sistema de justiça costuma ser uma piada cruel para os negros americanos. Eu queria expressar o sentimento de sempre ser visto como uma ameaça por muitos”.

Em texto publicado pela The Paris Review, o escritor norte-americano Nana Kwame Adjei-Brenyah explicou assim a gênese do conto que inicia “Friday Black”. Trayvon Martin é o nome do jovem afro-americano de 17 anos assassinado em 2012 pelo

vigilante voluntário George Zimmerman, que fazia uma patrulha no bairro armado. O assassinato de Martin provocou uma onda de protestos em várias cidades que culminou no movimento Black Lives Matter. Mas Zimmerman foi absolvido.

No texto, que responde à pergunta-provocação “Por que você escreve histórias políticas”, Adjei-Brenyah retoma não apenas as motivações mais óbvias de sua obra literária, mas de alguma forma esboça ali a urgência (ainda) da ficção de origem política para falar de raça nos Estados Unidos.

“Eu tento ao máximo seguir os exemplos de escritores como Toni Morrison, Alice Walker e George Saunders, que escrevem com o coração e ainda são capazes de lidar diretamente com os problemas do mundo”, afirma o escritor. “Escrevo histórias políticas porque é isso que sai quando escrevo. Porque para mim escrever é uma mediação, um cultivo de poder. Se devo ter algum poder neste mundo, espero que possa ser usado para ajudar minha irmã ou meu irmão ou a mim mesmo a viver menos sobrecarregado pelo peso esmagador da opressão”.

Se os 12 contos de “Friday Black”, publicados quando seu autor tinha 26 anos foram, portanto, escritos sob esse impacto político evidente, também revelam em Adjei-Brenyah um autor imaginativo, que lida com elementos da ficção científica com mestria e, ao mesmo tempo, rigoroso na amarração narrativa. O livro foi saudado pelo New York Times como “uma estreia inacreditável, que anuncia uma nova e necessária voz americana”.

Nascido em 1991, Adjei-Brenyah cresceu no Queens, um dos bairros de maciça presença negra, berço de astros do hip hop como Run-DMC, A Tribe Called Quest e LL Cool J, da cidade de

Nova York. Na Universidade de Syracuse, foi aluno de George Saunders, considerado um mestre do conto.

O recurso da ficção antecipatória, que tem sido usado por diversos autores jovens, pouco ou nada se assemelha aos escritores clássicos do gênero – ou melhor, pelo menos a grande parte dos autores homens como Isaac Asimov, Arthur C. Clarke ou Frank Herbert, em geral tão fascinados por traquitanas tecnológicas, naves espaciais e inteligência artificial que esqueciam dos homens por trás das máquinas. Os futuros violentos como exacerbação de tendências presentes já ruins de Adjei-Brenyah filiam-se muito mais à tradição das escritoras mulheres, como Ursula Le Guinn e, sobretudo, Octavia Butler.

Quem se aventurar pelos contos de Adjei-Brenyah vai encontrar sociedades segregadas, invisibilidades revoltosas e, sobretudo, alertas sombrios de uma escalada na direção do absurdo. Que a juventude de seu autor também não engane. Sua habilidade ao lidar com elementos controversos como o nonsense e o grotesco demonstra que sua estréia tão festejada – “Friday Black”, além de críticas elogiosas quando de seu lançamento nos EUA, recebeu o prêmio da National Book Foundation para autores abaixo dos 35 anos e o PEN/Jean Stein Book – já mostram um escritor no domínio de suas ferramentas.

A tradução de Caetano Galindo merece elogio à parte, dado que a fluência do texto em português não tropeça na prosa intrincada de Adjei-Brenyah, cheia de referências da cultura pop e que navega o terreno do nonsense. É de se esperar que a editora anime a publicar seu segundo livro e primeiro romance “Chain Gang All Stars”. •

MAURÍCIO DE SOUZA PERDE ELEIÇÃO NA ABL

O filólogo Ricardo Cavaliere, de 69 anos, foi eleito na tarde de quinta-feira, 27, para a cadeira número oito da Academia Brasileira de Letras, derrotando o quadrista Mauricio de Sousa. Cavaliere era a escolha imediata à vaga antes de o pai da “Turma da Mônica” apresentar seu nome na disputa, em março, em substituição à professora Cleonice Berardinelli, morta em janeiro aos 106 anos. Ele teve 35 votos contra apenas dois em favor de Mauricio.

Doutor em língua portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e professor aposentado da Universidade Federal Fluminense, Cavaliere é um especialista em letras e linguística. Pesquisou ao lado de Evanildo Bechara, imortal da ABL de 95 anos e referência absoluta nos estudos de gramática no país. Ele foi seu principal cabo eleitoral entre os acadêmicos.

Concorriam, além de Mauricio e Cavaliere, os escritores Elois Angelos D’Arachosia, James Akel e Joaquim Branco e o advogado José Alberto Couto Maciel. Nenhum jamais teve chance real de ser eleito.

Maurício de Souza divulgou nota comentando o resultado, celebrando a discussão sobre o “papel fundamental” dos quadristas na formação de leitores. “Agradeço de coração os apoios que recebi nesta campanha e aos que me honraram com seu voto, acreditando na minha proposta para a ABL. Continuarei nesta ideia de trabalhar e aprender com os acadêmicos, assim como vem acontecendo na Academia Paulista de Letras”, disse. •

DO CALIPSO AO ATIVISMO

O cantor, ator e ativista dos direitos humanos Harry Belafonte morre aos 96 anos em Nova York. Foi um artista comprometido com os direitos civis nos EUA e na luta contra o racismo

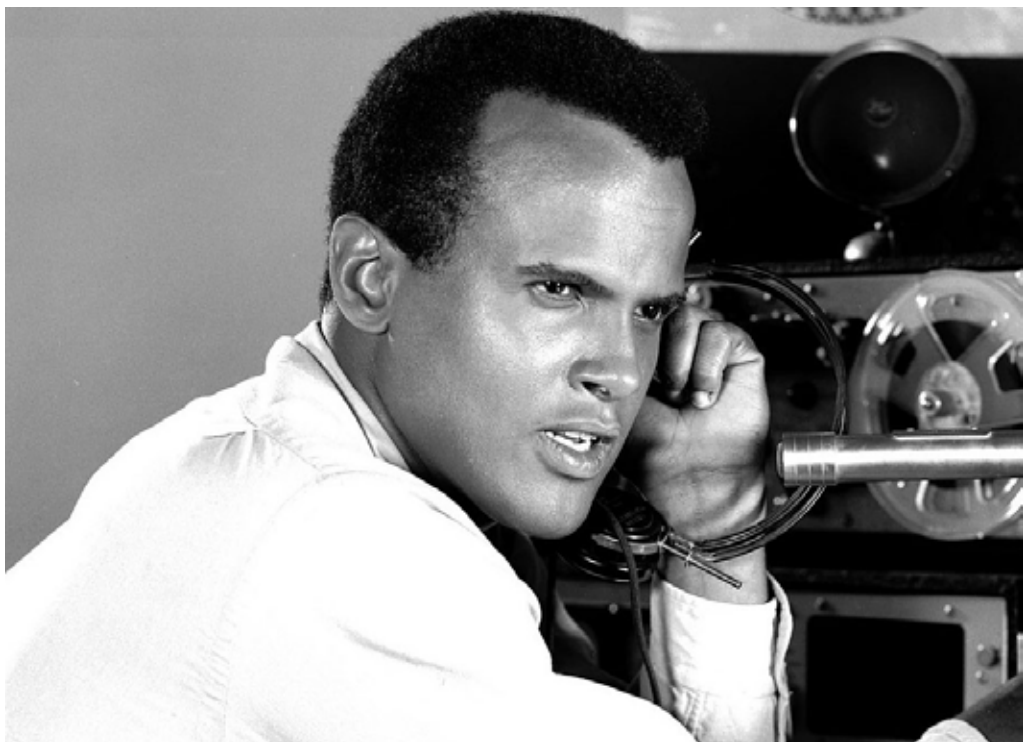
Harry Belafonte não é tão somente o cantor famoso, o astro de cinema, é também um lutador pelos direitos dos homens, o combatente contra o apartheid, o amigo de Martin Luther King. Ao vê-lo comandando o programa comemorativo dos 20 anos do assassinato de King, recordo outro grande negro de quem fui igualmente amigo, Paul Robeson. Têm os dois a mesma estatura, a mesma consciência, representam a dignidade do homem”.

A descrição do cantor e ator Harry Belafonte é de ninguém menos que Jorge Amado. Em seu livro “Navegação de Cabotagem - Apontamentos para um Livro de Memórias que Jamais Escreverei” (1992), o escritor relembra a amizade com Belafonte, a quem conheceu ainda nos anos 1950 e de quem se tornou amigo depois de uma viagem do norte-americano ao Brasil, nos anos 1970.

Nascido em Nova York em 1927, Belafonte passou parte da juventude na Jamaica, terra natal de sua mãe. Integrou as Forças Armadas norte-americanas na Segunda Guerra Mundial e, de volta aos EUA, queria trabalhar como ator. Para se sustentar, tornou-se *crooner* em boates, cantando ritmos caribenhos, como calipso, mambo e rumba, que à época faziam enorme sucesso nas boates e inferninhos novaiorquinos.

O trabalho como cantor rendeu um LP de enorme sucesso – o primeiro de um artista negro a vender mais de 1 milhão de có-

Reprodução



pias – que levaria o nome justamente do ritmo que o consagraria, “Calypso” (1956). No cinema, ele estrearia um longa-metragem dois anos mais tarde em “Carmen Jones”, de Otto Preminger.

Apesar do carisma e do talento, não abundavam papéis para protagonistas negros na Hollywood na década de 1950. Suas posições políticas e antirracistas o levaram a ser incluído na Lista Negra do Macartismo, o que o fez amargar alguns anos distante do cinema. A trajetória como cantor, no entanto, deslançava graças aos programas de variedades na televisão. Foi o primeiro homem negro a ganhar um Emmy em 1959 com o especial “Tonight with Belafonte”, exibido naquele mesmo ano.

Sua aproximação aos movimentos dos direitos civis e às pautas consideradas de esquerda nos

Estados Unidos foram decisivas para a consolidação de Belafonte com um símbolo dos movimentos negros norte-americanos. Era amigo pessoal de Martin Luther King (1929-1968) e foi um dos principais organizadores da Marcha Sobre Washington, em 1963. Sempre foi crítico à política externa belicista dos EUA, e defendeu publicamente o fim do embargo econômico a Cuba.

O ativismo antirracista levou Belafonte a uma volta triunfal nos anos 1980. Foi ele quem levou a ideia de organizar o USA for Africa, projeto beneficente que reuniu os artistas pop mais quentes da década de 1980 para gravar “We Are The World”. Com as vozes do próprio Belafonte, Michael Jackson, Tina Turner, Lionel Ritchie e Bruce Springsteen, entre outros, a canção virou hit. •

VIOLÊNCIA NO BRASIL

desafio das periferias

Disponível no site da Fundação Perseu Abramo

<https://fpabramo.org.br/publicacoes/estante/violencia-no-brasil-desafio-das-periferias/>

Organização

Felipe da Silva Freitas

Amanda Pimentel | Artur Henrique dos Santos | Bruno Langeani | Dandara Tonantzin Silva Castro | Danilo Sales do Nascimento | Dudu Ribeiro | Felipe da Silva Freitas | Gustavo Queiroz | Jackeline Aparecida Ferreira Romio | Juliana Borges da Silva | Juliana Gonçalves | Máira de Deus Brito | Pablo Nunes | Paulo César Ramos | Poliana da Silva Ferreira | Ricardo Moura | Silvia Ramos | Sofia Helena Monteiro de Toledo Costa

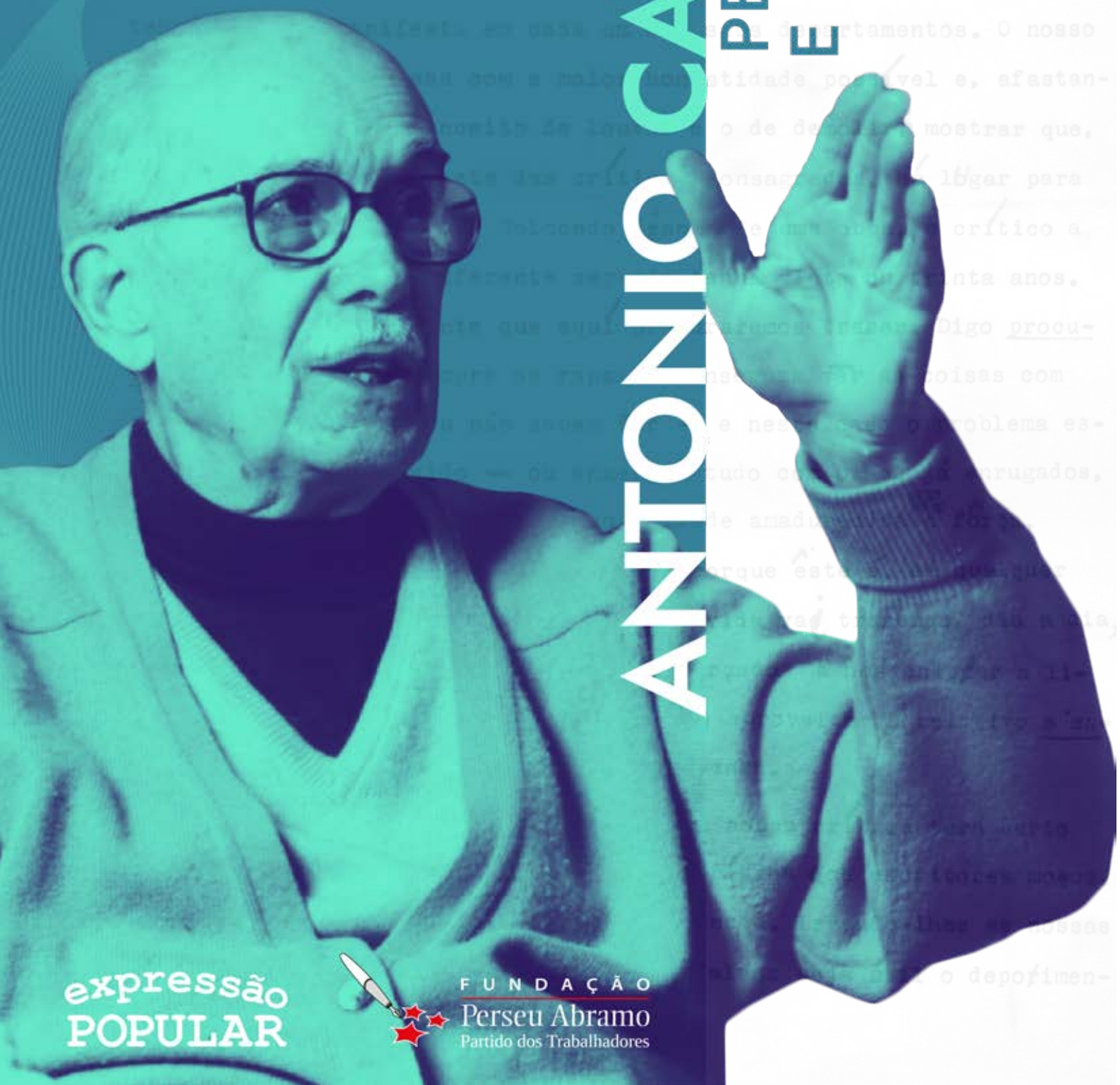
RECONEXÃO
PERFERIAS

FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

ORGANIZAÇÃO
FLÁVIO AGUIAR

2ª EDIÇÃO

ANTÔNIO CANDIDO PENSAMENTO E MILITÂNCIA



expressão
POPULAR



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores